



NOITE DO MANEQUIM VIVO

Arrepios - 07

RL Stine

(Uma verificação de mortos-vivos v1.5)

1

“Mmmmm! Hummm! Hummm!

Kris Powell lutou para chamar a atenção de sua irmã gêmea.

Lindy Powell ergueu os olhos do livro que estava lendo para ver qual era o problema. Em vez do lindo rosto de sua irmã, Lindy viu uma bolha redonda e rosa quase do tamanho da cabeça de Kris.

“Boa,” Lindy disse sem muito entusiasmo. Com um movimento repentino, ela cutucou a bolha e estourou.

“Ei!” Kris chorou quando o chiclete rosa explodiu em suas bochechas e queixo.

Lindy riu. “Peguei vocês.”

Kris com raiva pegou o livro de Lindy e fechou-o. “Opa, perdido Seu lugar!” ela exclamou. Ela sabia que sua irmã odiava perder seu lugar em um livro.

Lindy pegou o livro de volta com uma carranca. Kris lutou para tirar o chiclete rosa do rosto.

“Essa foi a maior bolha que já estourei”, disse ela com raiva. O chiclete não estava saindo do queixo.

“Eu estraguei muito mais do que isso”, disse Lindy com um sorriso de escárnio superior.

“Eu não *acredito* em vocês dois,” sua mãe murmurou, entrando no quarto e deixando uma pilha de roupa bem dobrada ao pé da cama de Kris. “Você até compete por chiclete?”

“Não estamos competindo,” Lindy murmurou. Ela jogou para trás o rabo de cavalo loiro e voltou os olhos para o livro.

Ambas as meninas tinham cabelos loiros e lisos. Mas Lindy manteve o dela longo, geralmente amarrando-o atrás da cabeça ou de lado em um rabo de cavalo. E Kris cortou o dela bem curto.

Era uma forma de as pessoas distinguirem os gêmeos, pois eles eram quase idênticos em todos os outros aspectos. Ambos tinham testas largas e olhos azuis redondos. Ambos tinham covinhas nas bochechas quando sorriam. Ambos coraram facilmente, grandes círculos rosados se formaram em suas bochechas pálidas.

Ambos acharam que seus narizes eram um pouco largos demais. Ambos desejavam ser um pouco mais altos. A melhor amiga de Lindy, Alice, era quase sete centímetros mais alta, embora ainda não tivesse completado doze anos.

“Eu tirei tudo?” Kris perguntou, esfregando o queixo, que estava vermelho e pegajoso.

“Nem todos”, Lindy disse a ela, olhando para cima. “Tem um pouco no seu cabelo.”

“Ah, ótimo,” Kris murmurou. Ela agarrou o cabelo, mas não conseguiu encontrar nenhum chiclete.

“Te peguei de novo”, disse Lindy, rindo. “Você é muito fácil!”

Kris soltou um grunhido furioso. “Por que você é sempre tão mau comigo?”

“Meu? Significar?” Lindy olhou para cima com olhos arregalados de inocência. “Eu sou um anjo. Pergunte a qualquer um.

Exasperada, Kris voltou-se para a mãe, que estava guardando as meias na gaveta da cômoda. "Mãe, quando vou conseguir meu próprio quarto?"

"No décimo segundo de nunca", respondeu a Sra. Powell, sorrindo.

Kris gemeu. "Isso é o que você sempre diz."

Sua mãe encolheu os ombros. "Você sabe que não temos um centímetro sobrando, Kris." Ela se virou para a janela do quarto. A luz do sol brilhante atravessava as cortinas transparentes. "É um lindo dia. O que vocês dois estão fazendo lá dentro?"

"Mãe, não somos menininhas", disse Lindy, revirando os olhos. "Temos doze anos. Eram velho demais para sair e brincar."

"Eu entendi tudo?" Kris perguntou, ainda tirando pedaços rosados de chiclete do queixo.

"Deixar. Melhora a sua aparência", disse Lindy a ela.

"Gostaria que vocês, meninas, fossem mais legais umas com as outras", disse a Sra. Powell com um suspiro.

De repente, eles ouviram latidos estridentes vindos do andar de baixo. "Com o que Barky está animado agora?" A Sra. Powell ficou preocupada. O pequeno terrier preto estava sempre latindo para alguma coisa. "Por que não levar Barky para passear?"

"Não estou com vontade," Lindy murmurou, com o nariz enfiado no livro.

"E aquelas lindas bicicletas novas que você ganhou de aniversário?" — disse a Sra. Powell, com as mãos nos quadris. "Aqueles bicicletas sem as quais você simplesmente não poderia viver. Você sabe, aqueles que estão na garagem desde que você os comprou."

"Está bem, está bem. Você não precisa ser sarcástica, mãe", disse Lindy, fechando o livro. Ela se levantou, espreguiçou-se e jogou o livro na cama.

"Você quer?" Kris perguntou a Lindy.

"Quer o quê?"

"Vá dar um passeio de bicicleta. Poderíamos ir até o parquinho, ver se alguém está passeando na escola."

"Você só quer ver se Robby está aí", disse Lindy, fazendo uma careta.

"Então?" Kris disse, corando.

"Prossiga. Tome um pouco de ar fresco", pediu a Sra. Powell. "Vejo você mais tarde. Vou ao supermercado."

Kris olhou no espelho da cômoda. Ela havia tirado a maior parte do chiclete. Ela penteou o cabelo curto para trás com as duas mãos. "Vamos. Vamos sair", disse ela.

"O último a sair é um ovo podre." Ela correu para a porta, batendo a irmã em meio passo.

Quando eles saíram pela porta dos fundos, com Barky latindo estridentemente atrás deles, o sol da tarde estava alto em um céu sem nuvens. O ar estava parado e seco. Parecia mais verão do que primavera.

Ambas as meninas usavam shorts e camisetas sem mangas. Lindy se inclinou para abrir a porta da garagem e depois parou. A casa ao lado chamou sua atenção.

"Olha, eles levantaram as paredes", ela disse a Kris, apontando para o quintal.

"Essa nova casa está sendo construída tão rapidamente. É incrível," Kris disse seguindo o olhar de sua irmã.

Os construtores derrubaram a velha casa durante o inverno. A nova fundação de concreto foi lançada em março. Lindy e Kris andaram por aí

nele quando não havia trabalhadores lá, tentando descobrir para onde iriam as diferentes salas.

E agora as paredes foram construídas. A construção de repente parecia uma casa de verdade, erguendo-se no meio de altas pilhas de madeira, um grande monte de terra marrom-avermelhada, uma pilha de blocos de concreto e uma variedade de serras elétricas, ferramentas e máquinas.

"Ninguém está trabalhando hoje", disse Lindy.

Eles deram alguns passos em direção à nova casa. "Quem você acha que vai se mudar?"

Kris se perguntou. "Talvez algum cara bonito da nossa idade. Talvez gêmeos lindos!

"Que nojo!" Lindy fez uma cara de nojo. "Gêmeos? Quão gotejante você consegue ficar! Não acredito que você e eu somos da mesma família."

Kris estava acostumada com o sarcasmo de Lindy. Ambas as meninas gostavam de ser gêmeas e odiavam ser gêmeas ao mesmo tempo. Como compartilhavam quase tudo — a aparência, as roupas, o quarto —, elas eram mais próximas do que a maioria das irmãs jamais consegue.

Mas por serem tão parecidos, eles também conseguiam enlouquecer um ao outro na maior parte do tempo.

"Não há ninguém por perto. Vamos dar uma olhada na nova casa", disse Lindy.

Kris a seguiu pelo quintal. Um esquilo, a meio caminho do tronco largo de um bordo, observava-os com cautela.

Eles passaram por uma abertura nos arbustos baixos que dividiam os dois quintais. Depois, passando pelas pilhas de madeira e pelo alto monte de terra, subiram a escada de concreto.

Uma folha de plástico grosso havia sido pregada na abertura onde ficava a porta da frente. iria. Kris puxou uma ponta do plástico e eles entraram na casa.

Estava escuro e fresco lá dentro e tinha um cheiro fresco de madeira. As paredes de gesso estavam levantadas, mas não tinham sido pintadas.

"Cuidado," Lindy avisou. "Unhas." Ela apontou para os grandes pregos espalhados pelo chão. "Se você pisar em um, você ficará com a mandíbula travada e morrerá."

"Você deseja", disse Kris.

"Eu não quero que você morra", respondeu Lindy. "Apenas fique com a mandíbula travada." Ela riu.

"Ha-ha," Kris disse sarcasticamente. "Esta deve ser a sala de estar", disse ela, fazendo caminhou cuidadosamente pela sala da frente até a lareira encostada na parede dos fundos.

"Um teto de catedral", disse Lindy, olhando para as vigas de madeira escuras e expostas. acima de suas cabeças. "Organizado."

"Isto é maior que a nossa sala de estar", comentou Kris, espiando pela grande janela panorâmica para a rua.

"Cheira muito bem", disse Lindy, respirando fundo. "Toda a serragem. Cheira tão a pinho.

Eles atravessaram o corredor e exploraram a cozinha. "Esses fios estão ligados?" Kris perguntou, apontando para um aglomerado de fios elétricos pretos suspensos nas vigas do teto.

"Por que você não toca em um e descobre?" Lindy sugeriu.

"Você primeiro," Kris respondeu.

"A cozinha não é muito grande", disse Lindy, curvando-se para olhar os buracos onde iriam os armários da cozinha.

Ela se levantou e estava prestes a sugerir que dessem uma olhada no andar de cima quando ouviu um som. "Huh?" Seus olhos se arregalaram de surpresa. "Tem alguém aqui?"

Kris congelou no meio da cozinha.

Ambos ouviram.

Silêncio.

Então ouviram passos suaves e rápidos. Perto de. Dentro de casa.

"Vamos!" Lindy sussurrou.

Kris já estava se escondendo sob o plástico, saindo pela porta.

Ela pulou da varanda dos fundos e começou a correr em direção ao quintal.

Lindy parou no final da varanda e voltou para a nova casa.

"Ei, olhe!" ela chamou.

Um esquilo saiu voando pela janela lateral. Ele pousou no chão com as quatro patas em movimento e correu em direção ao bordo no quintal dos Powell.

Lindy riu. "Apenas um esquilo idiota."

Kris parou perto dos arbustos baixos. "Tem certeza que?" Ela hesitou, observando as janelas da nova casa. "Aquele era um esquilo muito barulhento."

Quando ela voltou de casa, ficou surpresa ao descobrir que Lindy havia desaparecido.

"Ei, onde você foi?"

"Aqui," Lindy chamou. "Eu vejo algo!"

Kris demorou um pouco para localizar sua irmã. Lindy estava meio escondida atrás de uma grande lixeira preta no outro extremo do quintal.

Kris protegeu os olhos com uma das mãos para ver melhor. Lindy estava curvada para o lado da lixeira. Ela parecia estar vasculhando algum lixo.

"O que há aí?" Kris ligou.

Lindy estava jogando coisas ao redor e não parecia ouvi-la.

"O que é?" Kris chamou, dando alguns passos relutantes em direção à lixeira.

Lindy não respondeu.

Então, lentamente, ela puxou algo. Ela começou a segurá-lo. Seus braços e pernas balançavam frouxamente. Kris pôde ver uma cabeça com cabelos castanhos.

À frente? Braços e pernas?

"Oh não!" Kris gritou alto, levando as mãos ao rosto com horror.

2

Uma criança?

Kris soltou um suspiro silencioso, olhando horrorizado enquanto Lindy o tirava da lixeira.

Ela podia ver o rosto dele, congelado em um olhar arregalado. Seu cabelo castanho estava rígido no topo de sua cabeça. Ele parecia estar vestindo algum tipo de terno cinza.

Seus braços e pernas balançavam sem vida.

"Lindy!" Kris chamou, com a garganta apertada de medo. "É... ele está... *vivo*?"

Com o coração batendo forte, Kris começou a correr para sua irmã. Lindy estava embalando a pobrezinha nos braços.

"Ele está vivo?" Kris repetiu sem fôlego.

Ela parou quando sua irmã começou a rir.

"Não. Não vivo! Lindy chamou alegremente.

E então Kris percebeu que afinal não era uma criança. "Um tolo!" ela gritou.

Lindy ergueu-o. "Um boneco de ventríloquo", disse ela. "Alguém o expulsou.

Voce acredita nisso? Ele está em perfeita forma."

Lindy demorou um pouco para perceber que Kris estava respirando com dificuldade, seu rosto vermelho brilhante.

"Kris, qual é o seu problema? Ah, uau. Você achou que ele era uma criança de verdade? Lindy riu com desdém.

"Não. Claro que não", insistiu Kris.

Lindy ergueu o boneco e examinou suas costas, procurando a corda que deveria puxar para fazer sua boca se mover. "Eu *sou* uma criança de verdade!" Lindy o fez dizer. Ela estava falando com uma voz estridente e com os dentes cerrados, tentando não mover os lábios.

"Idiota," Kris disse, revirando os olhos.

"Eu *não* sou burro. Você é idiota!" Lindy fez o manequim dizer em voz alta e estridente. Quando ela puxou a corda nas costas dele, os lábios de madeira se moveram para cima e para baixo, estalando enquanto se moviam. Ela moveu a mão pelas costas dele e encontrou o controle para fazer seus olhos pintados mudarem de um lado para o outro.

"Ele provavelmente está cheio de insetos," Kris disse, fazendo uma cara de desgosto. "Jogue-o de volta, Lindy."

"De jeito nenhum," Lindy insistiu, esfregando a mão com ternura no cabelo de madeira do boneco.

"Eu vou ficar com ele."

"Ela está me mantendo", ela fez o manequim dizer.

Kris olhou desconfiado para o boneco. Seu cabelo castanho estava pintado na cabeça.

Seus olhos azuis se moviam apenas de um lado para o outro e não conseguiam piscar. Ele tinha lábios pintados de vermelho brilhante, curvados em um sorriso misterioso. O lábio inferior tinha uma lasca de um lado que não combinava exatamente com o lábio superior.

O manequim usava um terno cinza trespassado sobre o colarinho de uma camisa branca. A gola não estava presa a uma camisa. Em vez disso, o baú de madeira do manequim foi pintado de branco. Grandes sapatos de couro marrom estavam presos às pontas de suas pernas finas e pendentes.

"Meu nome é Slappy," Lindy fez o manequim dizer, movendo sua boca sorridente para cima e para baixo.

"Que idiota," Kris repetiu, balançando a cabeça. "Por que Slappy?"

"Venha aqui e eu vou te dar um tapa!" Lindy o fez dizer, tentando não mover os lábios.

Kris gemeu. "Vamos andar de bicicleta até o parquinho ou não, Lindy?"

— Tem medo que o pobre Robby sinta sua falta? Lindy fez Slappy perguntar.

"Largue essa coisa feia", Kris respondeu impacientemente.

"Eu não sou feio", disse Slappy com a voz esganiçada de Lindy, deslizando os olhos de um lado para o outro. "Você é feio!"

"Seus lábios estão se movendo", Kris disse a Lindy. "Você é um péssimo ventríloquo."

"Vou melhorar", insistiu Lindy.

"Você quer dizer que você está realmente guardando isso?" Kris chorou.

"Eu gosto do Slappy. Ele é fofo", disse Lindy, abraçando o boneco contra a frente de sua camiseta.

"Eu sou fofo," ela o fez dizer. "E você é feio."

"Cale a boca," Kris gritou para o manequim.

"Cale a boca!" Slappy respondeu com a voz tensa e estridente de Lindy.

"Por que você quer mantê-lo?" Kris perguntou, seguindo sua irmã em direção ao rua.

"Sempre gostei de fantoches", lembra Lindy. "Lembre-se daquelas marionetes que eu costumava fazer ter? Brinquei com eles por horas a fio. Eu inventei longas jogadas com eles."

"Eu sempre brinquei com marionetes também", lembrou Kris.

"Você emaranhou as cordas", disse Lindy, franzindo a testa. "Você não era bom nisso."

"Mas o que você vai fazer *com* esse manequim?" Kris exigiu.

"Não sei. Talvez eu invente uma atuação," Lindy disse pensativamente, mudando Slappy para o outro braço. "Aposto que poderia ganhar algum dinheiro com ele. Você sabe. Apareça em festas de aniversário infantis. Faça shows."

"Feliz aniversário!" ela fez Slappy declarar. "Entregue algum dinheiro!"

Kris não riu.

As duas meninas caminhavam pela rua em frente à casa delas. Lindy embalada Tapa nos braços dela, uma mão nas costas.

"Eu acho que ele é assustador", disse Kris, chutando uma pedra grande para o outro lado da rua. "Você deveria colocá-lo de volta na lixeira."

"De jeito nenhum," Lindy insistiu.

"De jeito nenhum", ela fez Slappy dizer, balançando a cabeça, seus olhos azuis vidrados movendo-se de um lado para o outro. "Vou colocar você na lixeira!"

"Bofetada com certeza é cruel," Kris comentou, franzindo a testa para Lindy.

Lindy riu. "Não olhe para mim", ela provocou. "Reclame com Slappy."

Kris fez uma careta.

“Você está com ciúmes”, disse Lindy. “Porque eu o encontrei e você não.”

Kris começou a protestar, mas ambos ouviram vozes. Kris olhou para cima e viu os dois garotos Marshall do outro quarteirão correndo em direção a eles. Eles eram garotos fofos e ruivos de quem Lindy e Kris às vezes tomavam conta.

“O que é isso?” Amy Marshall perguntou, apontando para Slappy.

“Ele fala?” seu irmão mais novo, Ben, perguntou, ficando a vários metros de distância, um expressão incerta em seu rosto sardento.

“Olá, sou o Slappy!” Lindy fez o manequim gritar. Ela embalou Slappy em um braço, fazendo-o sentar-se direito, com os braços pendurados ao lado do corpo.

“Onde você o conseguiu?” Amy perguntou.

“Os olhos dele se movem?” Ben perguntou, ainda hesitante.

“Seus olhos se movem?” Slappy perguntou a Ben.

Os dois filhos do Marshall riram. Ben esqueceu sua relutância. Ele se aproximou e agarrou a mão de Slappy.

“Ai! Não é tão difícil! Slappy gritou.

Ben deixou cair a mão com um suspiro. Então ele e Amy caíram na gargalhada.

“Ha-ha-ha-ha!” Lindy fez Slappy rir, inclinando a cabeça para trás e abrindo bem a boca.

As duas crianças pensaram que aquilo era um motim. Eles riram ainda mais.

Satisfeita com a resposta que estava recebendo, Lindy olhou para a irmã. Kris era sentada na calçada, segurando a cabeça entre as mãos, um olhar abatido no rosto.

Ela está com ciúmes, Lindy percebeu. Kris vê que as crianças gostam muito de Slappy e isso Estou recebendo toda a atenção. E ela está totalmente com ciúmes.

Definitivamente vou manter o Slappy! Lindy disse a si mesma, secretamente satisfeita com seu pequeno triunfo.

Ela olhou para os brilhantes olhos pintados de azul do manequim. Para sua surpresa, o manequim parecia estar olhando para ela, com um brilho de luz solar nos olhos, um sorriso largo e conhecedor.

3

“Quem era aquele no telefone?” — perguntou o Sr. Powell, enfiando outra garfada de espaguete na boca.

Lindy voltou para seu lugar à mesa. “Era a Sra. Marshall. No fim do quartoirão.

“Ela quer que você seja babá?” — perguntou a Sra. Powell, pegando a saladeira. Ela se virou para Kris. “Você não quer salada?”

Kris limpou o molho de espaguete do queixo com o guardanapo. “Talvez mais tarde.”

“Não”, respondeu Lindy. “Ela quer que eu me apresente. Na festa de aniversário da Amy. Com Slappy.”

“Seu primeiro emprego”, disse Powell, com um sorriso cruzando seu rosto esguio.

“Amy e Ben gostavam tanto de Slappy que insistiram nele”, disse Lindy. “Sra. Marshall vai me pagar vinte dólares.

“Isso é ótimo!” exclamou a mãe deles. Ela passou a saladeira pelo mesa para o marido.

Já se passou uma semana desde que Lindy resgatou Slappy da lixeira. Todos os dias, depois da escola, ela passava horas em seu quarto ensaiando com ele, trabalhando em sua voz, praticando não mover os lábios, inventando piadas para fazer com ele.

Kris continuou insistindo que a coisa toda era idiota. “Eu não posso acreditar que você está sendo tão uma nerd”, ela disse à irmã. Ela se recusou a ser uma audiência para as rotinas de Lindy.

Mas quando Lindy trouxe Slappy para a escola na sexta-feira, a atitude de Kris começou a mudar. Um grupo de crianças se reuniu em volta de Lindy do lado de fora de seu armário.

Enquanto Lindy fazia Slappy falar por eles, Kris observava do corredor. Ela vai fazer papel de boba, pensou Kris.

Mas, para sua surpresa, as crianças vaiaram e uivaram. Eles pensaram que Slappy era um motim. Até Robby Martin, o cara por quem Kris estava apaixonado há dois anos, achava Lindy incrível.

Ver Robby rir junto com as outras crianças fez Kris pensar muito. Tornando-se um ventríloquo pode ser divertido.

E lucrativo. Lindy ganharia vinte dólares na festa de aniversário dos Marshall. E quando a notícia se espalhasse, ela provavelmente se apresentaria em muitas festas e ganharia ainda mais dinheiro.

Depois do jantar naquela noite, Lindy e Kris lavaram e secaram a louça. Então Lindy perguntou aos pais se ela poderia praticar sua nova rotina de comédia com eles. Ela correu até seu quarto para pegar Slappy.

O senhor e a senhora Powell sentaram-se no sofá da sala. “Talvez Lindy seja uma estrela de TV”, disse a Sra. Powell.

“Talvez”, concordou o Sr. Powell, recostando-se no sofá, com um sorriso satisfeito no rosto. Barky latiu e subiu entre o Sr. e a Sra. Powell, seu pequeno coto de rabo balançando furiosamente.

“Você sabe que não pode ficar no sofá”, disse a Sra. Powell, suspirando. Mas ela não fez nenhum movimento para afastar Barky.

Kris sentou-se longe dos outros, no chão perto dos degraus, apoiando o queixo as mãos dela.

“Você está taciturno esta noite”, comentou o pai.

“Posso pegar um manequim também?” Kris perguntou. Ela realmente não tinha planejado dizer isso. O pergunta simplesmente saiu de sua boca.

Lindy voltou para a sala, carregando Slappy na cintura. “Preparar?” ela perguntou. Ela puxou uma cadeira da sala de jantar para o centro da sala e sentou-se nela.

“Bem, posso?” Kris repetiu.

“Você realmente quer um também?” — perguntou a Sra. Powell, surpresa.

“Quer *o que*?” Lindy perguntou, confusa.

“Kris disse que também quer um manequim”, relatou a Sra. Powell.

“De jeito nenhum,” Lindy disse acaloradamente. “Por que você quer ser tão imitador?”

“Parece divertido,” Kris respondeu, suas bochechas ficando rosadas. “Se você consegue, eu também consigo”, acrescentou ela estridentemente.

“Você sempre copia tudo que eu faço”, protestou Lindy com raiva. “Por que você não encontra algo de sua preferência pelo menos uma vez? Suba as escadas e trabalhe em sua coleção de joias inúteis. Esse é o seu hobby. Deixe *-me* ser o ventríloquo.”

“Meninas” - Sr. Powell começou, levantando a mão pedindo silêncio - “por favor, não brigue por um manequim”.

“Eu realmente acho que seria melhor nisso”, disse Kris. “Quero dizer, Lindy não é muito engraçada.”

“Todo mundo me acha engraçado”, insistiu Lindy.

“Isso não é muito gentil, Kris”, repreendeu a Sra. Powell.

“Bem, só acho que se Lindy tiver um, eu também deveria poder ter um”, disse Kris aos pais.

“Imitador,” Lindy repetiu, balançando a cabeça. “Você tem me menosprezado a semana toda. Você disse que era nerd. Mas eu sei por que você mudou de ideia. Você está chateado porque vou ganhar algum dinheiro e você não.”

“Eu realmente gostaria que vocês dois não discutissem sobre *tudo*”, disse Powell com desgosto.

“Bem, posso pegar um manequim?” Kris perguntou a ele.

“Eles são caros”, respondeu Powell, olhando para sua esposa. “Um bom custará mais de cem dólares. Eu realmente não acho que possamos comprar um agora.”

“Por que vocês dois não compartilham o Slappy?” — sugeriu a Sra. Powell.

“Huh?” A boca de Lindy caiu aberta em protesto.

“Vocês dois sempre compartilham tudo”, continuou a Sra. Powell. “Então por que você não compartilha o Slappy?”

“Mas, mãe...” Lindy choramingou infeliz.

“Excelente ideia”, interrompeu o Sr. Powell. Ele acenou para Kris. “Experimente. Depois de compartilhá-lo por um tempo, tenho certeza de que um de vocês perderá o interesse nele. Talvez até vocês dois.

Kris ficou de pé e caminhou até Lindy. Ela estendeu a mão para o manequim. “Não me importo de compartilhar”, disse ela calmamente, procurando nos olhos da irmã a aprovação da ideia. “Posso segurá-lo por apenas um segundo?”

Lindy segurou Slappy com força.

De repente, a cabeça do manequim se inclinou para trás e sua boca se abriu. “*Cai fora, Kris!*” ele rosnou com uma voz áspera e rouca. “*Vá embora, seu idiota estúpido!*”

Antes que Kris pudesse recuar, a mão de madeira de Slappy se ergueu e ele deu um tapa forte no rosto dela.

4

“Ai!”

Kris gritou e levou a mão ao rosto, que estava rosa brilhante. Ela recuou. “Pare com isso, Lindy! Isso dói!”

“Meu?” Lindy chorou. “Eu não fiz isso! Slappy fez isso!”

“Não seja idiota,” Kris protestou, esfregando a bochecha. “Você realmente me machucou.”

“Mas eu não fiz isso!” Lindy chorou. Ela virou o rosto de Slappy para ela. “Por que você foi tão rude com Kris?”

O Sr. Powell pulou do sofá. “Pare de agir como um idiota e peça desculpas à sua irmã”, ele ordenou.

Lindy inclinou a cabeça de Slappy. “Sinto muito”, ela fez o manequim dizer.

“Não. Com sua própria voz”, insistiu o Sr. Powell, cruzando os braços na frente de seu peito. “Slappy não machucou Kris. Você fez.”

“Ok, ok,” Lindy murmurou, corando. Ela evitou o olhar furioso de Kris. “Desculpe. Aqui.” Ela jogou Slappy nos braços de Kris.

Kris ficou tão surpresa que quase deixou cair o boneco. Slappy era mais pesado do que ela imaginava.

“Agora, o que devo fazer com ele?” Kris perguntou a Lindy.

Lindy encolheu os ombros e atravessou a sala até o sofá, onde se sentou ao lado da mãe.

“Por que você fez tanto barulho?” A Sra. Powell sussurrou, inclinando-se para Lindy. “Isso foi tão infantil.”

Lindy corou. “Slappy é *meu*! Por que algo não pode ser meu pelo menos uma vez?”

“Às vezes vocês, meninas, são tão legais umas com as outras, e às vezes...” A voz da Sra. Powell foi sumindo.

Powell sentou-se no braço acolchoado da cadeira do outro lado da sala.

“Como faço a boca dele funcionar?” Kris perguntou, virando o boneco de cabeça para baixo para examinar suas costas.

“Há um barbante nas costas dele, dentro da fenda da jaqueta”, Lindy disse a ela. de má vontade. “Você simplesmente puxa.”

Eu não quero que Kris trabalhe como Slappy, Lindy pensou infeliz.

Não quero compartilhar o Slappy.

Por que não posso ter algo que só me pertence? Por que tenho que compartilhar tudo com ela?

Por que Kris sempre quer me copiar?

Ela cerrou os dentes e esperou que sua raiva desaparecesse.

Mais tarde naquela noite, Kris sentou-se na cama. Ela teve um sonho ruim.

Eu estava sendo perseguida, ela lembrou, com o coração ainda batendo forte. Perseguido por quê?
Por quem?

Ela não conseguia se lembrar.

Ela olhou ao redor da sala sombria, esperando que seus batimentos cardíacos voltassem ao normal. O quarto estava quente e abafado, embora a janela estivesse aberta e as cortinas tremulassem.

Lindy estava dormindo de lado na cama de solteiro ao lado da de Kris. Ela estava roncando suavemente, os lábios ligeiramente entreabertos, os longos cabelos caindo soltos sobre o rosto.

Kris olhou para o rádio-relógio na mesinha de cabeceira entre as duas camas de solteiro. Era quase três da manhã.

Mesmo que ela estivesse bem acordada, o pesadelo não desapareceria completamente. Ela ainda se sentia desconfortável, um pouco assustada, como se ainda estivesse sendo perseguida por alguém ou alguma coisa. A nuca dela estava quente e formigando.

Ela se virou e afogou o travesseiro, apoiando-o mais alto na cabeceira da cama. Como ela deitou-se sobre ele, algo chamou sua atenção.

Alguém sentado na cadeira em frente à janela do quarto. Alguém olhando para ela.

Depois de respirar fundo, ela percebeu que era Slappy.

O luar amarelo derramou-se sobre ele, fazendo seus olhos brilharem. Ele estava sentado na cadeira, ligeiramente inclinado para a direita, um braço apoiado no braço fino da cadeira.

Sua boca se abriu em um sorriso largo e zombeteiro, seus olhos pareciam estar olhando diretamente para Kris.

Kris olhou de volta, estudando a expressão do boneco sob a estranha luz amarela da lua. Então, sem pensar, sem sequer perceber o que estava fazendo, saiu silenciosamente da cama.

Seu pé ficou preso no lençol e ela quase tropeçou. Chutando o lençol, ela atravessou rapidamente a sala até a janela.

Slappy olhou para ela enquanto sua sombra caía sobre ele. Seu sorriso parecia crescer mais amplo à medida que Kris se aproximava.

Uma rajada de vento fez as cortinas macias balançarem contra seu rosto. Kris os empurrou afastou-se e olhou para a cabeça pintada do manequim.

Ela estendeu a mão e esfregou o cabelo de madeira dele, brilhando ao luar. A cabeça dele estava quente, mais quente do que ela imaginava.

Kris rapidamente puxou a mão dela.

Que som foi esse?

Slappy riu? Ele riu dela?

Não, claro que não.

Kris percebeu que estava respirando com dificuldade.

Por que estou tão assustado com esse boneco estúpido? ela pensou.

Na cama atrás dela, Lindy fez um som gorgolejante e rolou de costas.

Kris olhou fixamente nos grandes olhos de Slappy, brilhando sob a luz da janela.

Ela esperou que ele piscasse ou revirasse os olhos de um lado para o outro.

De repente ela se sentiu tola.

Ele é apenas um estúpido boneco de madeira, disse a si mesma.

Ela estendeu a mão e o empurrou.

O corpo rígido balançou para o lado. A cabeça dura fez um *barulho* suave ao atingir o braço de madeira da cadeira.

Kris olhou para ele, sentindo-se estranhamente satisfeita, como se de alguma forma ela tivesse lhe ensinado uma lição.

As cortinas farfalharam em seu rosto novamente. Ela os empurrou.

Sentindo-se sonolenta, ela voltou para a cama.

Ela só tinha dado um passo quando Slappy estendeu a mão e agarrou seu pulso.

5

"Oh!" Quando a mão apertou seu pulso, Kris gritou e se virou.

Para sua surpresa, Lindy estava agachada ao lado dela. Lindy segurou com força o pulso de Kris.

Kris tirou a mão do aperto de Lindy.

A luz da lua que entrava pela janela iluminou o sorriso diabólico de Lindy. "Te peguei de novo!" ela declarou.

"Você não me assustou!" Kris insistiu. Mas a voz dela saiu como um sussurro trêmulo.

"Você pulou uma milha!" Lindy exclamou alegremente. "Você realmente pensou que manequim agarrou você.

"Não fiz!" Kris respondeu. Ela correu para sua cama.

"O que você estava fazendo acordado, afinal?" Lindy exigiu. "Você estava brincando com Slappy?"

"Não. Eu... uh... tive um pesadelo," Kris disse a ela. "Só fui olhar pela janela."

Lindy riu. "Você deveria ter visto a expressão em seu rosto."

"Vou voltar a dormir. Deixe-me em paz", Kris retrucou. Ela puxou as cobertas até o queixo.

Lindy empurrou o manequim de volta para a posição sentada. Então ela voltou para a cama, ainda rindo do susto que deu à irmã.

Kris reorganizou os travesseiros e depois olhou para a janela do outro lado da sala. O rosto do boneco estava meio coberto de sombras agora. Mas os olhos brilhavam como se ele estivesse vivo. E eles olharam para ela como se estivessem tentando lhe dizer algo.

Por que ele tem que sorrir assim? Kris perguntou a si mesma, tentando limpar o sensação de formigamento na nuca.

Ela puxou o lençol, acomodou-se na cama e virou-se de lado, longe dos olhos arregalados e arregalados.

Mas mesmo de costas, ela podia senti-los olhando para ela. Mesmo com os olhos fechados e as cobertas puxadas até a cabeça, ela conseguia imaginar o sorriso sombrio e distorcido, os olhos que não piscavam. Olhando para ela. Olhando fixamente. Olhando fixamente.

Ela caiu em um sono desconfortável, em outro pesadelo sombrio.

Alguém a estava perseguindo. Alguém muito malvado a estava perseguindo.

Mas quem?

Na tarde de segunda-feira, Lindy e Kris ficaram depois da escola para ensaiar para o concerto de primavera. Eram quase cinco horas quando chegaram em casa e ficaram surpresos ao ver o carro do pai na garagem.

"Você chegou em casa tão cedo!" Kris exclamou, encontrando-o na cozinha ajudando a mãe a preparar o jantar.

"Vou amanhã para uma conferência de vendas em Portland", explicou Powell, descascando uma cebola na pia com uma pequena faca. "Então, trabalhei apenas meio dia hoje."

"O que tem para o jantar?" Lindy perguntou.

"Bolo de carne", respondeu a Sra. Powell, "se o seu pai algum dia descascar a cebola".

"Existe um truque para não chorar ao descascar uma cebola", disse Powell, chorando. rolando pelas bochechas. "Gostaria de saber."

"Como foi o ensaio do refrão?" — perguntou a Sra. Powell, amassando uma grande bola de carne moída vermelha nas mãos.

"Chato", Lindy reclamou, abrindo a geladeira e tirando uma lata de Coca-Cola.

"Sim. Estamos cantando todas essas músicas russas e iugoslavas", disse Kris.

"Eles estão tão tristes. Eles são todos sobre ovelhas ou algo assim. Não sabemos realmente do que se trata. Não há tradução."

Powell correu até a pia e começou a jogar água fria nos olhos vermelhos e lacrimejantes. "Eu não aguento isso!" ele lamentou. Ele jogou a cebola meio descascada de volta para a esposa.

"Bebê chorão," ela murmurou, balançando a cabeça.

Kris subiu as escadas para deixar a mochila no quarto. Ela jogou-o no mesa que ela dividia com Lindy, depois se virou para descer.

Mas algo perto da janela chamou sua atenção.

Girando, ela engasgou.

"Oh não!" O grito assustado escapou de seus lábios.

Kris levou as mãos ao rosto e olhou incrédula.

Slappy estava recostado na cadeira em frente à janela, sorrindo para ela com seu habitual olhar arregalado. E sentado ao lado dele estava outro manequim, também sorrindo para ela.

E eles estavam de mãos dadas.

"O que está acontecendo aqui?" Kris gritou alto.

6

"Você gosta dele?"

A princípio, Kris pensou que Slappy havia feito a pergunta.

Ela ficou boquiaberta, atordoada e descrente.

"Bem? O que você acha dele?"

Kris levou um longo momento para perceber que a voz vinha de trás dela.

Ela se virou e encontrou seu pai parado na porta, ainda enxugando os olhos com um pano de prato molhado.

"O... o novo manequim?" Kris gaguejou.

"Ele é para você", disse Powell, entrando na sala, a toalha molhada pressionada contra ambos os olhos.

"Realmente?" Kris correu até a cadeira e pegou o novo manequim para examiná-lo.

"Há uma pequena casa de penhores na esquina em frente ao meu escritório", disse Powell, baixando a toalha. "Eu estava passando e, acredite ou não, esse cara estava na janela. Ele também era barato. Acho que o penhorista ficou feliz em se livrar dele.

"Ele é... fofo," Kris disse, procurando a palavra certa. "Ele se parece com o manequim de Lindy, exceto que seu cabelo é ruivo brilhante, não castanho."

"Provavelmente feito pela mesma empresa", disse Powell.

"As roupas dele são melhores que as do Slappy", disse Kris, segurando o manequim pelo braço. comprimento para obter uma boa visão. "Eu odeio aquele terno cinza estúpido no manequim da Lindy."

O novo manequim usava jeans azul e uma camisa de flanela vermelha e verde. E em vez dos sapatos marrons brilhantes e de aparência formal, ele usava tênis brancos de cano alto.

"Então você gosta dele?" — perguntou o Sr. Powell, sorrindo.

"Eu *amo* ele!" Kris chorou feliz. Ela atravessou a sala e deu um abraço no pai.

Então ela pegou o boneco e saiu correndo da sala, desceu as escadas e foi para a cozinha.

"Ei todo mundo! Conheça o Sr. Wood! ela declarou alegremente, segurando o boneco sorridente na sua frente.

Barky latiu animadamente, saltando para morder os tênis do boneco. Kris puxou seu manequim.

"Ei!" Lindy chorou de surpresa. "Onde você conseguiu isso?"

"Do papai," Kris disse, seu sorriso mais largo que o do manequim. "Vou começar a praticar com ele depois do jantar e serei um ventríloquo melhor que você."

"Kris!" Sra. Powell repreendeu. "Nem tudo é uma competição, você sabe!"

"Já tenho um emprego no Slappy", disse Lindy com um sorriso de escárnio superior. "E você está apenas começando. Você é apenas um iniciante."

"Senhor. Wood é muito mais bonito do que Slappy", disse Kris, espelhando a aparência de sua irmã gêmea. zombar. "Senhor. A madeira tem uma aparência legal. Esse terno cinza no seu manequim é o inferno.

"Você acha que aquela camisa velha e surrada é legal?" Lindy zombou, fazendo uma cara de nojo. "Que nojo. Esse velho boneco provavelmente tem vermes!"

""Você tem vermes!" Kris exclamou.

"Seu manequim não vai ser engraçado", disse Lindy maldosamente, "porque você não tem senso de humor".

"Oh sim?" Kris respondeu, jogando o Sr. Wood por cima do ombro. "Devo ter senso de humor. Eu tolero você, não é?"

"Imitador! Imitador!" Lindy chorou com raiva.

"Fora da cozinha!" — ordenou a Sra. Powell com um grito impaciente. "Fora! Sair! Vocês dois são impossíveis! Os manequins têm personalidades melhores que qualquer um de vocês!"

"Obrigado, mãe," Kris disse sarcasticamente.

"Me ligue para jantar," Lindy respondeu. "Vou subir para praticar minha atuação com Slappy para a festa de aniversário no sábado."

Era a tarde seguinte e Kris estava sentada à penteadeira que dividia com Lindy. Kris vasculhou a caixa de joias e tirou outro colar de contas coloridas. Ela os deslizou pela cabeça e os desembaraçou dos outros três fios de contas que usava. Então ela se olhou no espelho, balançando a cabeça para ver melhor os brincos longos e pendentes.

Adoro minha coleção de joias, pensou ela, cavando nas profundezas do caixa de jóias de madeira para ver que outros tesouros ela poderia retirar.

Lindy não tinha interesse naquilo. Mas Kris poderia passar horas experimentando as contas, dedilhando dezenas de pequenos amuletos, passando os dedos pelas pulseiras de plástico, tilintando os brincos. Sua coleção de joias sempre a animou.

Ela balançou a cabeça novamente, fazendo os longos brincos tilintarem. Uma batida no porta do quarto a fez girar.

"Ei, Kris, como vai?" Seu amigo Cody Matthews entrou na sala.

Ele tinha cabelos loiros e lisos e olhos cinza-claros em um rosto esguio e sério. Cody sempre parecia estar imerso em pensamentos.

"Você anda de bicicleta?" Kris perguntou, removendo vários fios de contas de uma só vez. e jogando-os na caixa de joias.

"Não. Caminhei", respondeu Cody. "Por que você ligou? Você só quer sair?"

"Não." Kris levantou-se de um salto. Ela foi até a cadeira perto da janela e agarrou o Sr. Wood. "Eu quero praticar meu ato."

Cody gemeu. "Eu sou a cobaia?"

"Não. A audiência. Vamos."

Ela o levou até o velho bordo torto no meio do quintal. O sol da tarde estava apenas começando a descer no céu azul primaveril e claro.

Ela levantou um pé contra o tronco da árvore e apoiou o Sr. Wood no joelho. Cody se esparramou de costas na sombra. "Diga-me se isso é engraçado", ela instruiu.

"OK. Atire," Cody respondeu, estreitando os olhos em concentração.

Kris virou o Sr. Wood para encará-la. "Como você está hoje?" Ela perguntou a ele.

"Muito bom. Bata na madeira", ela fez o manequim dizer.

Ela esperou que Cody risse, mas ele não o fez. "Isso foi engraçado?" ela perguntou.

"Mais ou menos", ele respondeu sem entusiasmo. "Continue."

"OK." Kris abaixou a cabeça para ficar cara a cara com seu manequim.

"Senhor. Wood", ela disse, "por que você estava parado na frente do espelho com os olhos fechados?"

"Bem", respondeu o manequim com uma voz estridente e estridente, "eu queria ver como eu fico quando estou dormindo!"

Kris inclinou a cabeça do boneco para trás e fez com que ele parecesse estar rindo. "Que tal aquela piada?" ela perguntou a Cody.

Cody encolheu os ombros. "Melhor, eu acho."

"Ah, você não ajuda em nada!" Kris gritou com raiva. Ela baixou os braços e o Sr. Wood caiu em seu colo. "Você deveria me dizer se é engraçado ou não."

"Acho que *não*", disse Cody, pensativo.

Kris gemeu. "Preciso de alguns bons livros de piadas", disse ela. "Isso é tudo. Alguns bons livros de piadas com algumas piadas realmente engraçadas. Então eu estaria pronto para atuar. Porque sou um ventríloquo muito bom, certo?"

"Eu acho", respondeu Cody, puxando um punhado de grama e deixando a umidade e verde lâminas passar por seus dedos.

"Bem, eu não movo muito meus lábios, *não* é?" Kris exigiu.

"Não muito," Cody permitiu. "Mas você realmente não joga sua voz."

"Ninguém pode perder a voz", Kris disse a ele. "É apenas uma ilusão. Você faz as pessoas *pensam* que você está jogando sua voz. Você *realmente* não joga."

"Oh," Cody disse, puxando outro punhado de grama.

Kris tentou várias outras piadas. "O que você acha?" ela perguntou a Cody.

"Acho que preciso ir para casa", disse Cody. Ele jogou um punhado de grama nela.

Kris tirou as lâminas verdes da cabeça de madeira do Sr. Wood. Ela passou a mão suavemente sobre o cabelo ruivo pintado do manequim. "Você está ferindo os sentimentos do Sr. Wood", ela disse a Cody.

Cody ficou de pé. "Por que você quer mexer com essa coisa, afinal?" ele perguntou, afastando o cabelo louro-claro da testa.

"Porque é divertido," Kris respondeu.

"Esse é o verdadeiro motivo?" Cody exigiu.

"Bem... acho que quero mostrar a Lindy que sou melhor nisso do que ela."

"Vocês dois são *estranhos!*" Cody declarou. "Vejo você na escola." Ele deu-lhe um pequeno aceno, depois virou-se e dirigiu-se para sua casa no fim do quarteirão.

Kris puxou os cobertores e subiu na cama. O luar pálido entrava pela janela do quarto.

Bocejando, ela olhou para o rádio-relógio. Quase dez. Ela podia ouvir Lindy escovando os dentes no banheiro do outro lado do corredor.

Por que Lindy sempre cantarola quando escova os dentes? Kris se perguntou. Como uma irmã gêmea pode fazer tantas coisas irritantes?

Ela lançou ao Sr. Wood uma última olhada. Ele estava apoiado na cadeira em frente à janela, as mãos cuidadosamente colocadas no colo, os tênis brancos pendurados na borda da cadeira.

Ele parece uma pessoa real, pensou Kris, sonolento.

Amanhã vou dar uma olhada em alguns bons livros de piadas da biblioteca da escola. Posso ser mais engraçado que Lindy. Eu sei que posso.

Ela recostou-se sonolenta no travesseiro. Estarei dormindo assim que apagarmos as luzes, pensou ela.

Alguns segundos depois, Lindy entrou no quarto, vestindo sua camisola e carregando Tapa debaixo do braço. "Você está dormindo?" ela perguntou a Kris.

"Quase," Kris respondeu, bocejando alto. "Tenho estudado para a prova final de matemática o tempo todo noite. Onde você esteve?"

"Na casa de Alice," Lindy disse a ela, colocando Slappy na cadeira ao lado do Sr. Madeira. "Algumas crianças acabaram e eu pratiquei minha atuação para elas. Eles riram tanto que pensei que iriam partir o estômago. Quando Slappy e eu fizemos nossa rotina de rap, Alice cuspiu o leite com chocolate pelo nariz. Que tumulto!"

"Isso é legal," Kris disse sem entusiasmo. "Acho que você e Slappy estão prontos para Festa de aniversário da Amy no sábado."

"Sim", respondeu Lindy. Ela colocou o braço de Slappy em volta do ombro do Sr. Wood. "Eles ficam tão fofos juntos", disse ela. Então ela notou as roupas cuidadosamente penduradas na cadeira da escrivaninha. "O que é isso?" ela perguntou a Kris.

Kris levantou a cabeça do travesseiro para ver o que sua irmã estava apontando. "Minha roupa para amanhã", ela disse a ela. "Vamos dar uma festa à fantasia na aula da Srta. Finch. É uma festa de despedida. Para Margot. Você sabe. O aluno-professor."

Lindy olhou para as roupas. "Sua saia Betsey Johnson? Sua blusa de seda?"

"Devíamos estar bem arrumados," Kris disse, bocejando. "Podemos ir dormir agora?"

"Sim. Claro." Lindy foi até a cama, sentou-se e desligou o abajur da mesinha de cabeceira. "Você está melhorando com o Sr. Wood?" ela perguntou, subindo entre os lençóis.

Kris ficou magoado com a pergunta. Foi uma crítica tão óbvia. "Sim. Estou ficando muito bom. Eu fiz algumas coisas para Cody. No quintal. Cody riu tanto que não conseguia respirar. Realmente. Ele estava segurando seus lados. Ele disse que o Sr. Wood e eu deveríamos estar na TV.

"Realmente?" Lindy respondeu depois de um longo momento de hesitação. "Isso é estranho. Nunca pensei que Cody tivesse muito senso de humor. Ele é sempre tão sombrio. Acho que nunca o vi rir."

"Bem, ele estava rindo do Sr. Wood e de mim", Kris insistiu, desejando ser uma mentirosa melhor.

"Incrível," Lindy murmurou. "Mal posso esperar para ver sua atuação."

Nem eu, pensou Kris sombriamente.

Alguns segundos depois, os dois estavam dormindo.

A voz da mãe, chamando lá de baixo, acordou-os às sete da manhã seguinte. A luz do sol brilhante e alaranjada da manhã entrava pela janela. Kris podia ouvir os pássaros cantando alegremente no velho bordo.

"Levante-se e brilhe! Levante-se e brilhe!" Todas as manhãs, a Sra. Powell gritava as mesmas palavras.

Kris esfregou os olhos para tirar o sono e depois esticou os braços acima da cabeça. Ela olhou para o outro lado da sala e soltou um suspiro silencioso. "Ei o que está acontecendo?" Ela estendeu a mão para a cama de Lindy e sacudiu Lindy pelo ombro. "O que está acontecendo?"

"Huh?" Lindy, assustada, sentou-se ereta.

"Qual é a piada? Onde ele está?" Kris exigiu.

"Huh?"

Kris apontou para a cadeira do outro lado da sala.

Sentado na cadeira, Slappy sorriu de volta para eles, banhado pelo sol da manhã.

Mas o Sr. Wood havia partido.

7

Kris piscou várias vezes e levantou-se na cama com as duas mãos. Sua mão esquerda formigou. Ela devia estar dormindo sobre isso, ela percebeu.

"O que? O que está errado?" Lindy perguntou, sua voz embaçada pelo sono.

"Onde está o Sr. Wood?" Kris exigiu impacientemente. "Onde você o colocou?"

"Huh? Coloque-o?" Lindy lutou para focar os olhos. Ela viu Slappy sentado rigidamente na cadeira do outro lado da sala. Sozinhos.

"Não é engraçado," Kris retrucou. Ela saiu da cama, baixou a barra da camisola e caminhou rapidamente até a cadeira em frente à janela. "Você nunca se cansa de fazer piadas estúpidas?"

"Piadas? Huh?" Lindy colocou os pés no chão.

Kris se abaixou para procurar no chão debaixo da cadeira. Então ela mudou-se para o pé de cama e se ajoelhou para procurar embaixo das duas camas de solteiro.

"Onde ele está, Lindy?" ela perguntou com raiva, de joelhos ao pé da cama. "EU não pense que isso é engraçado. Eu realmente não.

"Bem, eu também não," Lindy insistiu, levantando-se e espreguiçando-se.

Kris ficou de pé. Seus olhos se arregalaram quando ela avistou o boneco desaparecido.

"Oh!"

Lindy seguiu o olhar assustado da irmã.

O Sr. Wood sorriu para eles da porta. Ele parecia estar de pé, seu pernas magras dobradas em um ângulo estranho.

Ele estava usando as roupas elegantes de Kris, a saia Betsey Johnson e a blusa de seda.

Com a boca aberta de surpresa, Kris caminhou rapidamente até a porta. Ela imediatamente viu que o manequim não estava sozinho. Ele estava apoiado, a maçaneta enfiada na abertura em suas costas.

Ela agarrou o boneco pela cintura e puxou-o para longe da porta. "Minha blusa. Está todo amassado", ela gritou, segurando-o para que Lindy pudesse ver. Ela estreitou os olhos com raiva para sua irmã. "Isso foi tão desagradável da sua parte, Lindy."

"Meu?" Lindy gritou. "Eu juro, Kris, não fui eu. Dormi como uma pedra ontem à noite. EU não se mexeu. Eu não me levantei até você me acordar. Eu não fiz isso. Realmente!"

Kris olhou fixamente para a irmã e depois baixou os olhos para o boneco.

De blusa e saia, o Sr. Wood sorriu para ela, como se estivesse gostando de sua perplexidade.

"Bem, Sr. Wood", Kris disse em voz alta, "acho que você vestiu minhas roupas e foi até a porta sozinho!"

Lindy começou a dizer alguma coisa. Mas a voz da mãe lá embaixo interrompido. "Vocês, meninas, vão para a escola hoje? Onde você está? Você está atrasado!"

"Chegando!" Kris gritou, lançando um olhar irritado para Lindy. Ela cuidadosamente colocou o Sr. Wood de costas na cama e tirou a saia e a blusa dele. Ela olhou para cima e viu Lindy correndo loucamente pelo corredor para ser a primeira a chegar ao banheiro.

Suspirando, Kris olhou para o Sr. Wood. O manequim sorriu para ela, um sorriso travesso.

"Bem? O que está acontecendo?" ela perguntou ao manequim. "Eu não te vesti e te movi. E Lindy jura que não foi *ela* .

Mas se não fomos nós, pensou ela, quem foi?

8

“Incline a cabeça para frente,” Lindy instruiu. “É isso. Se você balançá-lo um pouco para cima e para baixo, vai parecer que ele está rindo.”

Kris obedientemente colocou o Sr. Wood em seu colo, fazendo-o rir.

“Não mexa tanto a boca dele”, Lindy disse a ela.

“Acho que vocês dois são loucos”, disse Alice, amiga de Lindy.

“Então, o que mais há de novo?” Cody brincou.

Os quatro estavam sentados em um pequeno trecho de sombra sob o velho bordo torto no quintal dos Powell. Era uma tarde quente de sábado, o sol alto num céu azul-claro, raios de luz amarela filtrando-se pelas folhas móveis acima de suas cabeças.

Barky farejava ativamente pelo quintal, seu rabinho balançando sem parar.

Kris sentou-se em uma cadeira dobrável, encostada no tronco retorcido da árvore. Ela estava com o Sr. Wood no colo.

Lindy e Alice estavam na beira da sombra, com as mãos cruzadas sobre os olhos. peitos, observando a performance de Kris com carrancas de concentração em seus rostos.

Alice era uma garota alta e magra, com cabelos pretos e lisos até os ombros, nariz arrebitado e uma boca bonita em formato de coração. Ela estava vestindo shorts brancos e uma blusa azul brilhante.

Cody estava esparramado de costas na grama, com as mãos atrás da cabeça e uma longa folha de grama entre os dentes.

Kris estava tentando mostrar suas habilidades de ventríloquo. Mas Lindy continuou interrompendo com sugestões “úteis”. Quando ela não estava fazendo sugestões, Lindy olhava nervosamente para o relógio. Ela não queria se atrasar para o trabalho na festa de aniversário de Amy, às duas horas.

“Eu acho você muito estranho,” Alice disse a Lindy.

“Ei, de jeito nenhum”, respondeu Lindy. “Slappy é muito divertido. E vou ganhar muito dinheiro com ele. E talvez eu seja uma estrela de comédia ou algo assim quando for mais velho.” Ela olhou para o relógio novamente.

“Bem, todo mundo na escola acha que vocês dois são estranhos”, disse Alice, dando um tapa uma mosca em seu braço nu.

“Quem se importa?” Lindy respondeu bruscamente. “Eles são todos estranhos também.”

“E você também,” Kris fez o Sr. Wood dizer.

“Eu pude ver seus lábios se movendo”, Lindy disse a Kris.

Kris revirou os olhos. “Me dá um tempo. Você tem me incomodado a manhã toda.

“Só estou tentando ajudar”, disse Lindy. “Você não precisa ficar tão na defensiva, não é?”

Kris soltou um grunhido furioso.

"Esse era o seu estômago?" ela fez o Sr. Wood dizer.

Cody riu.

"Pelo menos *uma* pessoa acha você engraçado," Lindy disse secamente. "Mas se você quiser faça festas, você realmente deveria ouvir piadas melhores.

Kris deixou o boneco cair em seu colo. "Não consigo encontrar nenhum bom livro de piadas", disse ela, desanimada. "Onde você encontra suas piadas?"

Um sorriso de escárnio superior se formou no rosto de Lindy. Ela jogou os longos cabelos para trás do ombro. "Eu invento minhas próprias piadas", ela respondeu arrogantemente.

"Você é uma piada!" Cody disse.

"Ha-ha. Lembre-me de rir mais tarde", disse Lindy sarcasticamente.

"Não acredito que você não está com *seu* boneco aqui", Alice disse a Lindy. "Quero dizer, você não quer ensaiar para a festa?"

"Não há necessidade", respondeu Lindy. "Eu tenho o meu comportamento sob controle. Não quero ensaiar demais."

Kris gemeu alto.

"Alguns dos outros pais vão ficar na festa de aniversário para assistir Slappy e eu," Lindy continuou, ignorando o sarcasmo de Kris. "Se as crianças gostarem de mim, os pais delas poderão me contratar para *suas* festas."

"Talvez você e Kris devessem atuar juntos," Alice sugeriu. "Isso poderia ser realmente incrível."

"Sim. Que ato! Então haveria *quatro* manequins!" Cody brincou.

Alice foi a única a rir.

Lindy fez uma careta para Cody. "Isso pode realmente ser divertido", ela disse pensativamente. E então ela acrescentou: "Quando Kris estiver pronto".

Kris prendeu a respiração e se preparou para responder com raiva.

Mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Lindy agarrou o Sr. Wood de suas mãos. "Deixe-me dar algumas dicas", disse Lindy, colocando um pé na cadeira dobrável de Kris e acomodando o Sr. Wood em seu colo. "Você tem que mantê-lo mais reto, assim."

"Ei, devolva-o," Kris exigiu, pegando seu manequim.

Quando ela estendeu a mão, o Sr. Wood de repente abaixou a cabeça até olhar para ela. "*Você é um idiota!*" ele disse asperamente na cara de Kris, falando em voz baixa e gutural. rosnar.

"Huh?" Kris recuou surpreso.

"*Você é um idiota estúpido!*" Sr. Wood repetiu maldosamente no mesmo rosnado áspero.

"Lindy, pare com isso!" Kris chorou.

Cody e Alice olharam boquiabertos de surpresa.

"*Idiota estúpido! Se perder! Dê o fora, idiota estúpido!*" — o manequim gritou na cara de Kris.

"Uau!" Cody exclamou.

"Faça-o parar!" Kris gritou com sua irmã.

"Não posso!" Lindy gritou com a voz trêmula. Seu rosto ficou pálido, seus olhos arregalados com medo. "Eu não posso fazê-lo parar, Kris! Ele... ele está falando por si mesmo!"

9

O boneco olhou para Kris com um sorriso feio e maligno.

“Eu... eu não posso fazê-lo parar. Eu não vou fazer isso”, Lindy chorou. Puxando com toda a força, ela tirou o Sr. Wood do rosto de Kris.

Cody e Alice trocaram olhares perplexos.

Assustada, Kris levantou-se da cadeira dobrável e encostou-se no chão. tronco de árvore. “Ele... ele está falando sozinho?” Ela olhou fixamente para o boneco sorridente.

“Eu... eu acho que sim. Estou... todo confuso! Lindy declarou, suas bochechas rosadas.

Barky latiu e pulou nas pernas de Lindy, tentando chamar sua atenção. Mas ela manteve o olhar no rosto assustado de Kris.

"Isso é uma piada, certo?" Cody perguntou esperançoso.

"O que está acontecendo?" Alice exigiu, com os braços cruzados na frente do peito.

Ignorando-os, Lindy devolveu o Sr. Wood a Kris. "Aqui. Pegue-o. Ele é seu. Talvez você possa controlá-lo.

“Mas, Lindy...” Kris começou a protestar.

Lindy olhou para o relógio. "Oh não! A festa! Estou atrasado!" Balançando a cabeça, ela partiu em direção à casa. "Mais tarde!" ela chamou sem olhar para trás.

“Mas Lindy...” Kris chamou.

A porta da cozinha bateu atrás de Lindy.

Segurando o Sr. Wood pelos ombros, Kris baixou os olhos para seu rosto. Ele sorriu para ela, um sorriso diabólico, seus olhos olhando fixamente para os dela.

Kris balançou com facilidade, recostando-se e levantando os pés no ar. As correntes rangiam a cada golpe. O velho balanço do quintal, meio coberto de ferrugem, não tinha sido muito usado nos últimos anos.

O sol do início da tarde descia atrás da casa. O aroma de frango assado flutuava pela janela da cozinha. Kris podia ouvir sua mãe ocupada na cozinha preparando o jantar.

Barky latiu embaixo dela. Kris deixou cair os pés no chão e parou o balanço para evitar chutá-lo. “Cachorro idiota. Você não sabe que pode se machucar?

Ela olhou para cima e viu Lindy correndo pela entrada, segurando Slappy debaixo do braço. Pelo sorriso no rosto de Lindy, Kris soube imediatamente que a festa de aniversário tinha sido um triunfo. Mas ela tinha que perguntar de qualquer maneira. “Como foi?”

“Foi incrível!” Lindy exclamou. “Slappy e eu éramos *ótimos!*”

Kris saiu do balanço e forçou um sorriso no rosto. “Isso é legal,” ela ofereceu.

“As crianças pensaram que éramos um motim!” Lindy continuou. Ela puxou Slappy para cima. "Não foi, Slappy?"

“Eles gostaram de mim. Odiei você! Slappy declarou na voz estridente de Lindy.

Kris forçou uma risada. “Estou feliz que tudo correu bem”, disse ela, esforçando-se para ser uma boa esportista.

“Eu cantei junto com Slappy e tudo correu muito bem. Então Slappy e eu fizemos nossa rotina de rap. Que sucesso! Lindy jorrou.

Ela está espalhando um pouco demais, Kris pensou amargamente. Kris não pôde evitar sentir ciúmes.

“Todas as crianças fizeram fila para falar com Slappy”, continuou Lindy. “Não foi, Slappy?”

“Todo mundo me amava”, ela fez o manequim dizer. “Onde está minha parte do saque?”

“Então você recebeu vinte dólares?” Kris perguntou, chutando um monte de ervas daninhas.

“Vinte e cinco”, respondeu Lindy. “A mãe de Amy disse que eu era tão bom que ela me pagaria mais. Oh. E adivinhe o que mais? Você conhece a Sra. Evans? A mulher que sempre usa calças de leopardo? Você sabe, a mãe de Anna? Ela me pediu para fazer a festa da Anna no próximo domingo. Ela vai me pagar *trinta* dólares! Eu vou ficar rico!”

“Uau. Trinta dólares”, Kris murmurou, balançando a cabeça.

“Eu ganho vinte. Você ganha dez”, Lindy fez Slappy dizer.

“Tenho que contar a boa notícia para mamãe!” Lindy disse. “O que você fez a tarde toda?”

“Bem, depois que você saiu, fiquei muito chateado”, respondeu Kris, seguindo Lindy até a casa. “Você sabe. Sobre o Sr. Wood. Eu... eu o coloquei lá em cima. Alice e Cody foram para casa. Então mamãe e eu fomos ao shopping.”

Com o rabo balançando furiosamente, Barky passou direto por cima dos pés deles, quase tropeçando nos dois. eles. “Barky, cuidado!” Lindy gritou.

“Oh. Quase esqueci”, disse Kris, parando na varanda dos fundos. “Algo bom aconteceu.”

Lindy parou também. “Algo bom?”

“Sim. Encontrei a Sra. Berman no shopping. Sra. Berman era sua professora de música e organizador do concerto de primavera.

“Emoções,” Lindy respondeu sarcasticamente.

“E a Sra. Berman perguntou se o Sr. Wood e eu queríamos ser o mestre de cerimônias do concerto de primavera.” Kris sorriu para sua irmã.

Lindy engoliu em seco. “Ela pediu que você fosse o anfitrião do show?”

“Sim. Posso me apresentar com o Sr. Wood na frente de todos! Kris jorrou Felizmente. Ela viu um lampejo de ciúme no rosto de Lindy, o que a deixou ainda mais feliz.

Lindy abriu a porta de tela. “Bem, boa sorte,” ela disse secamente. “Com isso boneco estranho seu, você vai *precisar* dele.

O jantar foi conversado sobre a apresentação de Lindy na festa de aniversário de Amy Marshall. Lindy e a Sra. Powell conversaram animadamente. Kris comeu em silêncio.

“No começo achei tudo estranho, tenho que admitir”, disse a Sra. Powell, colocando sorvete em tigelas de sobremesa. “Eu simplesmente não conseguia acreditar que você estivesse interessado em ventriloquismo, Lindy. Mas acho que você tem talento para isso. Acho que você tem algum talento.

Lindy sorriu. A Sra. Powell normalmente não gostava de elogios.

“Encontrei um livro na biblioteca da escola sobre ventriloquismo”, disse Lindy. “Tinha algumas dicas muito boas. Tinha até uma rotina de comédia para apresentar. Ela olhou para Kris. “Mas eu gosto mais de inventar minhas próprias piadas.”

“Você deveria assistir a atuação da sua irmã”, disse a Sra. Powell a Kris, entregando-lhe uma tigela de sorvete. “Quero dizer, você provavelmente poderia pegar algumas dicas para o show na escola.”

“Talvez,” Kris respondeu, tentando esconder o quão irritada ela estava.

Depois do jantar, o Sr. Powell ligou de Portland e todos conversaram com ele. Lindy contou a ele sobre seu sucesso com Slappy na festa de aniversário. Kris contou a ele sobre ter sido convidado para apresentar o show com o Sr. Wood. O pai dela prometeu que não agendaria nenhuma viagem para poder assistir ao show.

Depois de assistir a um vídeo que a mãe havia alugado no shopping, as duas irmãs subiram para o quarto. Passava um pouco das onze.

Kris acendeu a luz. Lindy a seguiu.

Ambos olharam para a cadeira onde guardavam os dois manequins – e engasgaram.

“Oh não!” Lindy gritou, levantando uma mão para a boca aberta.

Mais cedo naquela noite, os manequins foram colocados lado a lado na posição sentada.

Mas agora Slappy estava de cabeça para baixo, caindo da cadeira, com a cabeça no chão. Seus sapatos marrons foram arrancados e jogados contra a parede. O paletó do terno estava puxado até a metade dos braços, prendendo as mãos atrás das costas.

“O-olha!” Kris gaguejou, embora sua irmã já estivesse olhando horrorizada para a cena. “Senhor. Wood – ele é...” A voz de Kris ficou presa na garganta.

O Sr. Wood estava esparramado em cima de Slappy. Suas mãos estavam em volta da garganta de Slappy, como se o estivesse estrangulando.

10

“Eu... eu não acredito nisso!” Kris conseguiu sussurrar. Ela se virou e percebeu a expressão assustada no rosto de Lindy.

"O que está acontecendo ?" Lindy chorou.

Ambas as irmãs correram pela sala. Kris agarrou o Sr. Wood pela nuca e puxou-o de cima do outro manequim. Ela sentiu como se estivesse separando dois garotos brigando.

Ela segurou o Sr. Wood na sua frente, examinando-o cuidadosamente, olhando para seu rosto como se esperasse que ele falasse com ela.

Então ela baixou o manequim e jogou-o de bruços na cama. Seu rosto estava pálido e tenso de medo.

Lindy se abaixou e pegou os sapatos marrons de Slappy do chão. Ela os segurou levantou-se e estudou-os, como se pudessem oferecer uma pista sobre o que havia acontecido.

"Kris, você fez isso?" Lindy perguntou suavemente.

"Huh? Meu?" Kris reagiu com surpresa.

“Quero dizer, eu *sei* que você está com ciúmes de Slappy e de mim...” Lindy começou.

"Uau. Espere um minuto", Kris respondeu com raiva, com uma voz estridente e trêmula. “Eu não fiz isso, Lindy. Não me acuse.

Lindy olhou para a irmã, estudando seu rosto. Então sua expressão se suavizou e ela suspirou. “Eu não entendo. Eu simplesmente não entendo. Veja Slappy. Ele quase foi despedido.

Ela colocou os sapatos na cadeira e pegou o boneco com cuidado, como se estivesse pegando um bebê. Segurando-o com uma mão, ela lutou para puxar o paletó para cima com a outra.

Kris ouviu sua irmã murmurar alguma coisa. Parecia “Seu manequim é mau”.

"O que você disse?" Kris exigiu.

“Nada”, respondeu Lindy, ainda lutando com a jaqueta. “Eu sou... uh... eu sou gentil. Estou com medo disso,” Lindy confessou, corando, evitando os olhos de Kris.

“Eu também,” Kris admitiu. “Algo estranho está acontecendo. Acho que deveríamos contar para a mamãe.

Lindy abotoou a jaqueta. Então ela se sentou na cama com Slappy no colo e começou a trocar os sapatos do manequim. "Sim. Acho que deveríamos", ela respondeu.

“É... é tão assustador.”

A mãe deles estava na cama, lendo um romance de Stephen King. Seu quarto estava escuro, exceto por uma pequena luminária de leitura na cabeceira da cama que projetava um estreito triângulo de luz amarela.

A Sra. Powell soltou um grito curto quando suas duas filhas surgiram das sombras.
"Oh. Você me assustou. Este é um livro tão assustador, e acho que estava prestes a adormecer."

"Podemos falar com você?" Kris perguntou ansiosamente em um sussurro baixo.

"Algo estranho está acontecendo", acrescentou Lindy.

A Sra. Powell bocejou e fechou o livro. "O que está errado?"

"É sobre o Sr. Wood", disse Kris. "Ele tem feito muitas coisas estranhas."

"Huh?" Os olhos da Sra. Powell se arregalaram. Ela parecia pálida e cansada sob a luz forte da luminária de leitura.

"Ele estava estrangulando Slappy", relatou Lindy. "E esta tarde, ele disse algumas coisas realmente nojentas. E-"

"Parar!" — ordenou a Sra. Powell, levantando uma mão. "Simplesmente pare."

"Mas, mãe..." Kris começou.

"Dêem um tempo, meninas", disse a mãe, cansada. "Estou cansado de suas competições bobas."

"Você não entende," Lindy interrompeu.

"Sim, eu *entendo*", disse a Sra. Powell rispidamente. "Vocês dois estão até competindo com aqueles bonecos de ventríloquo."

"Mãe por favor!"

"Quero que isso pare agora mesmo", insistiu a Sra. Powell, jogando o livro na mesinha de cabeceira. "Quero dizer. Não quero ouvir mais nenhuma palavra de nenhum de vocês sobre aqueles manequins. Se vocês dois tiverem problemas, resolvam isso entre vocês."

"Mãe, escute—"

"E se você não conseguir resolver isso, vou levar os manequins embora. Ambos. Estou falando sério." A Sra. Powell estendeu a mão acima da cabeça e desligou a luz de leitura, deixando a sala na escuridão. "Boa noite", disse ela.

As meninas não tiveram escolha senão sair da sala. Eles percorreram o corredor em silêncio.

Kris hesitou na porta do quarto. Ela esperava encontrar o Sr. Wood estrangulando Slappy novamente. Ela deu um suspiro de alívio ao ver os dois bonecos na cama onde haviam sido deixados.

"Mamãe não foi muito prestativa," Lindy disse secamente, revirando os olhos. Ela pegou Slappy e comecei a acomodá-lo na cadeira em frente à janela.

"Acho que ela estava dormindo e nós a acordamos", respondeu Kris.

Ela pegou o Sr. Wood e foi em direção à cadeira com ele — então parou.

"Você sabe o que? Acho que vou colocá-lo no armário esta noite", disse ela, pensativa.

"Boa ideia", disse Lindy, subindo na cama.

Kris olhou para o boneco, meio que esperando que ele reagisse. Reclamar. Para começar a xingá-la.

Mas o Sr. Wood sorriu para ela, seus olhos pintados opacos e sem vida.

Kris sentiu um arrepio de medo.

Estou ficando com medo do boneco de ventríloquo idiota, pensou ela.

Vou trancá-lo no armário esta noite porque estou com medo.

Ela carregou o Sr. Wood até o armário. Então, com um gemido, ela o ergueu bem acima da cabeça e o deslizou para a prateleira de cima. Fechando cuidadosamente a porta do armário, ouvindo o clique, ela foi até a cama.

Ela dormiu irregularmente, revirando-se nas cobertas, seu sono repleto de sonhos perturbadores. Ela acordou com a camisa de dormir completamente torcida, interrompendo a circulação em seu braço direito. Ela lutou para endireitá-lo e depois voltou a dormir.

Ela acordou cedo, encharcada de suor. O céu ainda estava cinza do amanhecer do lado de fora da janela.

A sala estava quente e abafada. Ela sentou-se lentamente, sentindo-se cansada, como se não tivesse dormido nada.

Piscando para afastar o sono, seus olhos focaram na cadeira em frente à janela.

Lá estava Slappy, exatamente onde Lindy o havia colocado.

E ao lado dele estava sentado o Sr. Wood, com o braço em volta do ombro de Slappy, sorrindo triunfantemente para Kris como se ele tivesse acabado de contar uma piada maravilhosa.

11

"Agora, Sr. Wood, você estuda?"

"Claro que eu faço. Você acha que sou um idiota?"

"E qual é a sua aula favorita?"

"Loja de madeira, é claro!"

"Que projeto você está construindo na aula de oficina, Sr."

"Estou construindo um boneco *de menina* ! O que mais? Ha-ha! Acha que quero passar o resto da minha vida no *seu colo*!?"

Kris sentou-se em frente ao espelho da penteadeira com o Sr. Wood no colo, estudando enquanto praticava sua rotina para o concerto da escola.

O Sr. Wood vinha se comportando bem havia dois dias. Nenhum incidente assustador e misterioso. Kris estava começando a se sentir melhor. Talvez tudo corresse bem a partir de agora.

Ela se inclinou perto do espelho, observando seus lábios enquanto fazia o boneco falar.

Os b e o s m eram impossíveis de pronunciar sem mover os lábios.

Ela apenas teria que evitar esses sons o melhor que pudesse.

Estou melhorando em mudar da voz do Sr. Wood para a minha, ela pensou.

Felizmente. Mas preciso mudar mais rápido. Quanto mais rápido ele e eu conversamos, mais engraçado é.

"Vamos tentar de novo, Sr. Wood", disse ela, puxando a cadeira para mais perto do espelho.

"Trabalho, trabalho, trabalho", ela fez o manequim resmungar.

Antes que ela pudesse começar a rotina, Lindy entrou correndo e sem fôlego na sala. Kris observou sua irmã no espelho quando ela apareceu atrás dela, seus longos cabelos voando soltos sobre os ombros, um sorriso animado no rosto.

"Adivinha?" Lindy perguntou.

Kris começou a responder, mas Lindy não lhe deu chance.

"Sra. Petrie estava na festa de aniversário de Amy Marshall", Lindy disse animadamente.

"Ela trabalha para o Canal Três. Você sabe. A emissora de TV. E ela acha que sou bom o suficiente para participar *do Talent Search*, o programa que eles fazem toda semana."

"Huh? Realmente?" foi tudo o que Kris conseguiu responder.

Lindy saltou animadamente no ar e aplaudiu. "Slappy e eu estaremos no TELEVISÃO!" ela chorou. "Isso não é *fabuloso*?"

Olhando para o reflexo exultante de sua irmã no espelho, Kris sentiu uma pontada de ciúme.

"Tenho que contar para a mamãe!" Lindy declarou. "Ei mãe! Mãe!" Ela saiu correndo do quarto. Kris a ouviu gritando enquanto descia as escadas.

"Aaaaargh!" Kris não conseguiu se conter. Ela soltou um grito de raiva.

"Por que tudo de bom acontece com Lindy?" Kris gritou alto. "Estou apresentando um show estúpido para talvez uma centena de pais – e ela estará na TV! Eu sou tão bom quanto ela. Talvez melhor!"

Furiosa, ela ergueu o Sr. Wood bem acima da cabeça e o jogou no chão.

A cabeça do manequim fez um *barulho* alto ao atingir o chão de madeira. A vasta boca se abriu como se fosse gritar.

"Oh." Kris lutou para recuperar a compostura.

O Sr. Wood, caído a seus pés, olhou para ela de forma acusadora.

Kris levantou-o e aninhou o manequim contra ela. "Pronto, pronto, Sr. Wood," ela sussurrou suavemente. "Eu machuquei você? Eu fiz? Eu sinto muito. Eu não queria.

O manequim continuou a olhar para ela. Seu sorriso pintado não havia mudado, mas seus olhos pareciam frios e implacáveis.

Foi uma noite tranquila. Sem brisa. As cortinas em frente à janela aberta do quarto não tremularam nem se moveram. O luar prateado pálido se infiltrou, criando longas sombras roxas que pareciam se arrastar pelo quarto das meninas.

Lindy estava dormindo irregularmente, um sono leve cheio de sonhos agitados e coloridos. Ela foi acordada assustada por um som. Um baque suave .

"Huh?" ela levantou a cabeça do travesseiro úmido e se virou.

Alguém estava se movendo na escuridão.

Os sons que ela ouviu eram passos.

"Ei!" ela sussurrou, bem acordada agora. "Quem é esse?"

A figura virou-se na porta, uma sombra contra sombras ainda mais negras. "Sou só eu", veio uma resposta sussurrada.

"Kris?"

"Sim. Algo me acordou. Minha garganta está dolorida," Kris sussurrou do porta. "Vou até a cozinha pegar um copo d'água."

Ela desapareceu nas sombras. Com a cabeça ainda levantada do travesseiro, Lindy ouviu seus passos descendo as escadas.

Quando os sons desapareceram, Lindy fechou os olhos e abaixou a cabeça no travesseiro.

Alguns segundos depois, ela ouviu o grito de horror de Kris.

12

Com o coração batendo forte, Lindy lutou para sair da cama. O lençol enrolou-se em suas pernas e ela quase caiu.

O grito horripilante de Kris ecoou em seus ouvidos.

Ela praticamente pulou a escada escura, os pés descalços batendo forte no tapete fino dos degraus.

Estava escuro lá embaixo, exceto por um tênue raio de luz amarela vindo da cozinha.

“Kris – Kris – você está bem?” Lindy chamou, sua voz soando baixa e assustada no corredor escuro.

“Kris?”

Lindy parou na porta da cozinha.

O que era aquela luz estranha?

Demorou um pouco para ela se concentrar. Então ela percebeu que estava olhando para a fraca luz amarela de dentro da geladeira.

A porta da geladeira estava aberta.

E... a geladeira estava vazia.

“O que... o que está acontecendo aqui?”

Ela deu um passo para a cozinha. Então outro.

Algo frio e úmido envolveu seu pé.

Lindy engasgou e, olhando para baixo, viu que havia pisado em uma grande poça.

Uma caixa de leite virada ao lado de seu pé revelou que a poça era de leite derramado.

Ela ergueu os olhos para Kris, que estava parada na escuridão do outro lado da sala, com as costas apoiadas na parede, as mãos erguidas até o rosto, horrorizada.

“Kris, o que diabos—”

A cena estava entrando em foco agora. Foi tudo tão estranho, tão... *errado*. Lindy estava demorando muito para ver a imagem completa.

Mas, agora, seguindo o olhar horrorizado de Kris, Lindy viu a bagunça no chão. E percebeu por que a geladeira estava vazia.

Tudo dentro dele foi retirado e jogado no chão da cozinha. Uma garrafa de suco de laranja estava caída de lado em uma poça de suco de laranja. Os ovos estavam espalhados por toda parte. Frutas e legumes estavam espalhados pelo chão.

“Ah!” Lindy gemeu em total descrença.

Tudo parecia brilhar e brilhar.

O que era toda aquela coisa brilhante entre a comida?

As joias da Kris!

Havia brincos, pulseiras e colares de contas jogados por toda parte, misturados com a comida derramada e espalhada como uma espécie de salada bizarra.

"Oh não!" Lindy gritou quando seus olhos pousaram na figura no chão.

Sentado no meio da bagunça estava o Sr. Wood, sorrindo alegremente para ela. Ele tinha vários fios de contas em volta do pescoço, brincos longos pendurados nas orelhas e uma travessa com sobras de frango no colo.

13

"Kris, você está *bem*?" Lindy gritou, desviando os olhos do boneco sorridente coberto de joias.

Kris não pareceu ouvi-la.

"Você está bem?" Lindy repetiu a pergunta.

"O que está acontecendo?" Kris gaguejou, com as costas pressionadas contra a parede, expressão tensa de terror. "Quem... quem *fez* isso? O Sr. Wood...?"

Lindy começou a responder. Mas o uivo de surpresa da mãe vindo da porta cortou fora de suas palavras. "Mãe..." Lindy gritou, girando.

A Sra. Powell acendeu a luz do teto. A cozinha pareceu pegar fogo. Todos três deles piscaram, lutando para se ajustar à claridade repentina.

"O que na Terra!" A Sra. Powell chorou. Ela começou a ligar para o marido, então lembrou que ele não estava em casa. "Eu... eu não acredito nisso!"

Barky entrou saltando na sala, abanando o rabo. Ele abaixou a cabeça e comecei a lamber um pouco de leite derramado.

"Vá embora", disse a Sra. Powell severamente. Ela pegou o cachorro, carregou-o para fora e fechou a porta da cozinha. Então ela caminhou até o centro da sala, balançando a cabeça, os pés descalços errando por pouco a poça de leite.

"Eu descí para tomar uma bebida e eu... eu encontrei essa bagunça", disse Kris com a voz trêmula. "A comida. Minhas joias. Tudo..."

"Senhor. Foi Wood quem fez isso", acusou Lindy. "Olhe para ele!"

"*Pare com isso! Pare com isso!*" A Sra. Powell gritou. "Já estou farto."

A Sra. Powell examinou a bagunça, franzindo a testa e puxando uma mecha de cabelo loiro. Seus olhos pararam no Sr. Wood e ela soltou um gemido de desgosto.

"Eu sabia", disse ela em voz baixa, erguendo os olhos acusadoramente para as duas meninas. "Eu sabia que isso tinha algo a ver com aqueles bonecos de ventríloquo."

"Senhor. Foi Wood quem fez isso, mãe", disse Kris acaloradamente, afastando-se da parede, mãos tensas em punhos. "Eu sei que parece idiota, mas..."

"Pare com isso", ordenou a Sra. Powell, estreitando os olhos. "Isso é simplesmente doentio. Doente!" Ela olhou fixamente para o boneco enfeitado com joias, que sorriu para ela por cima da grande travessa de frango.

"Vou tirar os manequins de vocês dois", disse a Sra. Powell, virando-se de volta para Lindy e Kris. "Essa coisa toda ficou fora de controle."

"Não!" Kris chorou.

"Isso não é justo!" Lindy declarou.

"Desculpe. Eles precisam ser guardados", disse a Sra. Powell com firmeza. Ela deixou seus olhos percorrerem o chão bagunçado e soltou outro suspiro cansado. "Olhe para minha cozinha."

"Mas eu não fiz nada!" Lindy gritou.

“Preciso do Sr. Wood para o concerto de primavera!” Kris protestou. “Todo mundo está contando comigo, mãe.”

A Sra. Powell olhou de um para o outro. Seus olhos permaneceram em Kris. “Esse é o *seu* manequim no chão, certo?”

“Sim,” Kris disse a ela. “Mas eu não fiz isso. Juro!”

“Vocês dois juram que não foram vocês, certo?” Sra. Powell disse, olhando de repente muito cansado sob a forte luz do teto.

“Sim,” Lindy respondeu rapidamente.

“Então vocês dois perdem seus manequins. Sinto muito”, disse a Sra. Powell. “Um de vocês é mentindo. Eu... eu realmente não consigo acreditar nisso.

Um silêncio pesado cobriu a sala enquanto os três Powells olhavam consternados para a bagunça no chão.

Kris foi o primeiro a falar. “Mãe, e se Lindy e eu limparmos tudo?”

Lindy percebeu rapidamente. Seu rosto se iluminou. “Sim. E se colocarmos tudo de volta? Agora mesmo. Faça a cozinha normalmente. Deixe-o impecável. Podemos ficar com nossos manequins?”

A Sra. Powell balançou a cabeça. “Não. Eu não acho. Olha essa bagunça. Todos os vegetais estão estragados. E o leite.

“Vamos substituir tudo,” Kris disse rapidamente. “Com a nossa mesada. E vamos limpá-lo perfeitamente. Por favor. Se fizermos isso, nos dê mais uma chance?”

A Sra. Powell torceu o rosto em concentração, debatendo consigo mesma. Ela olhou para os rostos ansiosos de suas filhas. “Tudo bem”, ela respondeu finalmente. “Quero a cozinha impecável quando eu descer pela manhã. Toda a comida, todas as joias. Tudo de volta para onde vai.

“Ok,” as duas garotas disseram em uníssono.

“E eu não quero ver nenhum desses manequins aqui na minha cozinha de novo”, exigiu a Sra. Powell. “Se você puder fazer isso, eu lhe darei mais uma chance.”

“Ótimo!” as duas garotas choraram ao mesmo tempo.

“E não quero ouvir mais discussões sobre esses manequins”, disse a Sra. Powell continuou. “Sem mais lutas. Não há mais competição. Chega de culpar os manequins por tudo. Não quero ouvir *nada* sobre eles. Sempre.”

“Você não vai,” Kris prometeu, olhando para sua irmã.

“Obrigada, mãe”, disse Lindy. “Você vai para a cama. Nós vamos limpar. Ela deu a ela mãe um empurrão suave em direção à porta.

“Nem mais uma palavra”, lembrou-lhes a Sra. Powell.

“Certo, mãe”, concordaram os gêmeos.

A mãe deles desapareceu em direção ao quarto. Eles começaram a limpar. Kris puxou um grande saco de lixo da gaveta e segurou-o enquanto Lindy jogava caixas vazias e estragava a comida.

Kris recolheu cuidadosamente suas joias e levou-as para cima.

Nenhuma das garotas falou. Eles trabalharam em silêncio, recolhendo, limpando e esfregando até que a cozinha estivesse limpa. Lindy fechou a porta da geladeira. Ela bocejou alto.

Kris inspecionou o chão apoiando-se nas mãos e nos joelhos, certificando-se de que estava impecável. Então ela pegou o Sr. Wood. Ele sorriu de volta para ela como se tudo fosse uma grande piada.

Este boneco só tem sido um problema, pensou Kris.

Nada além de problemas.

Ela seguiu Lindy para fora da cozinha, apagando a luz ao sair. Os dois
as meninas subiram as escadas silenciosamente. Nenhum deles havia falado uma palavra.

O luar pálido filtrava-se pelo quarto deles através da janela aberta. O ar estava quente e úmido.

Kris olhou para o relógio. Passava um pouco das três da manhã.

Slappy sentou-se afundado na cadeira em frente à janela, a luz da lua brilhando em seu rosto
sorridente. Lindy, bocejando, subiu na cama, empurrou o cobertor e puxou o lençol. Ela desviou o
rosto da irmã.

Kris baixou o Sr. Wood de seu ombro. *Você não é nada além de problemas*, ela
pensou com raiva, segurando-o na frente dela e olhando para seu rosto sorridente.

Nada além de problemas.

O sorriso largo e malicioso do Sr. Wood parecia zombar dela.

Um arrepio de medo misturado com sua raiva.

Estou começando a odiar esse boneco, pensou ela.

Tema-o e odeie-o.

Com raiva, ela abriu a porta do armário e jogou o boneco dentro do armário. Isto
caiu amassado no chão do armário.

Kris bateu a porta do armário.

Com o coração batendo forte, ela subiu na cama e puxou as cobertas. Ela de repente
me senti muito cansado. Todo o seu corpo doía de cansaço.

Ela enterrou o rosto no travesseiro e fechou os olhos.

Ela estava quase dormindo quando ouviu a vozinha.

"Deixe-me sair! Deixe-me sair daqui!" ele chorou. Uma voz abafada, vinda de dentro do
armário.

14

“Deixe-me sair! Deixe-me sair! a voz estridente chamou com raiva.

Kris sentou-se com um sobressalto. Seu corpo inteiro convulsionou em um estremecimento de medo.

Seus olhos dispararam para a outra cama. Lindy não se mexeu.

“Você... você ouviu?” Kris gaguejou.

"Ouvir o que?" Lindy perguntou sonolenta.

“A voz,” Kris sussurrou. "No armário."

"Huh?" Lindy perguntou sonolenta. "O que você está falando? São três no manhã. Não podemos dormir um pouco?"

“Mas, Lindy...” Kris colocou os pés no chão. Seu coração estava batendo forte nela peito. "Acordar. Escute-me! O Sr. Wood estava me chamando. Ele estava *falando!*"

Lindy levantou a cabeça e ouviu.

Silêncio.

“Eu não ouço nada, Kris. Realmente. Talvez você estivesse sonhando.

"Não!" Kris gritou, sentindo-se perder o controle. “Não foi um sonho! Estou tão assustada, Lindy. Estou com tanto *medo!*

De repente, Kris estava tremendo e lágrimas quentes escorriam por seu rosto.

Lindy se levantou e foi até a beira da cama da irmã.

“Algo horrível está acontecendo aqui, Lindy,” Kris gaguejou em meio às lágrimas.

“E eu sei quem está fazendo isso,” Lindy sussurrou, inclinando-se sobre sua irmã gêmea, colocando uma mão reconfortante em seu ombro trêmulo.

"Huh?"

"Sim. Eu sei quem está fazendo tudo isso,” Lindy sussurrou. “Eu sei quem é.”

"Quem?" Kris perguntou sem fôlego.

15

"Quem?" Kris repetiu, deixando as lágrimas escorrerem pelo seu rosto. "Quem?"

““ Sim”, disse Lindy. O sorriso dela se transformou em um sorriso quase tão largo quanto o de Slappy. Ela fechou os olhos e riu.

"Huh?" Kris não entendeu. "O que você disse?"

“Eu disse que tenho feito isso”, repetiu Lindy. "Meu. Linda. Foi tudo uma piada, Kris. Eu te peguei de novo. Ela acenou com a cabeça como se confirmasse suas palavras.

Kris ficou boquiaberta com sua irmã gêmea, incrédula. “Foi tudo uma piada?”

Lindy continuou balançando a cabeça.

“Você mudou o Sr. Wood durante a noite? Você o vestiu com minhas roupas e o fez dizer aquelas coisas nojentas para mim? Você o colocou na cozinha? Você fez aquela bagunça horrível?

Lindy riu. "Sim. Eu realmente assustei você, não foi?

Kris cerrou os punhos furiosos. “Mas... mas...”, ela balbuciou. "*Por que?*"

“Por diversão,” Lindy respondeu, caindo de volta na cama, ainda sorrindo.

"Diversão?"

“Eu queria ver se conseguia assustar você”, explicou Lindy. "Era só uma piada. Você sabe. Não acredito *que* você se apaixonou por aquela voz no armário agora há pouco! Devo ser um ventríloquo muito bom!"

“Mas, Lindy—”

“Você realmente acreditou que o Sr. Wood estava vivo ou algo assim!” Lindy disse, rindo, desfrutando de sua vitória. “Você é um idiota!”

“Não?”

“Meio idiota!” Lindy caiu na gargalhada.

“Não é engraçado,” Kris disse suavemente.

“Eu sei”, respondeu Lindy. “É um motim! Você deveria ter visto a expressão em seu rosto quando você viu o Sr. Wood lá embaixo com suas contas e brincos preciosos!

“Como... como você *pensou* em uma piada tão cruel?” Kris exigiu.

“Simplesmente me ocorreu”, Lindy respondeu com algum orgulho. “Quando você pegou seu manequim.”

“Você não queria que eu ganhasse um manequim,” Kris disse pensativamente.

“Você está certo,” Lindy concordou rapidamente. “Eu queria algo que fosse meu, por uma mudança. Estou tão cansado de você ser um imitador. Então-”

“Então você pensou nessa piada maldosa,” Kris acusou.

Lindy assentiu.

Kris caminhou com raiva até a janela e pressionou a testa contra o vidro. "EU- Não posso acreditar que fui tão estúpida — ela murmurou.

“Nem eu”, Lindy concordou, sorrindo novamente.

“Você realmente me fez começar a pensar que o Sr. Wood estava vivo ou algo assim”, disse Kris, olhando pela janela para o quintal abaixo. “Você realmente me deixou com medo dele.”

“Eu não sou brilhante!” Lindy proclamou.

Kris se virou para encarar sua irmã. “Nunca mais falarei com você”, ela disse com raiva.

Lindy encolheu os ombros. “Era só uma piada.”

“Não,” Kris insistiu. “Era muito cruel para ser apenas uma piada. Nunca mais falarei com você. Nunca.”

“Tudo bem,” Lindy respondeu secamente. “Achei que você tivesse senso de humor. Multar.” Ela deslizou na cama, de costas para Kris, e puxou as cobertas sobre a cabeça.

Preciso encontrar uma maneira de retribuir isso a ela, pensou Kris. Mas como?

16

Depois da escola, alguns dias depois, Kris voltou para casa com Cody. Era uma tarde quente e úmida. As árvores estavam imóveis e pareciam lançar pouca sombra na calçada. O ar acima da calçada brilhava com o calor.

“Gostaria que tivéssemos uma piscina,” Kris murmurou, tirando a mochila do ombro.

“Eu gostaria que você também tivesse um”, disse Cody, enxugando a testa com a manga da camiseta vermelha.

“Eu gostaria de mergulhar em uma piscina enorme de chá gelado”, disse Kris, “como no programa de TV. comerciais. Sempre parece tão frio e refrescante.

Cody fez uma careta. “Nadar em chá gelado? Com cubos de gelo e limão?

“Esqueça,” Kris murmurou.

Eles atravessaram a rua. Algumas crianças que eles conheciam passaram de bicicleta. Dois homens de uniforme branco subiam nas escadas, encostados na casa da esquina, pintando as calhas.

“Aposto que são gostosos”, comentou Cody.

“Vamos mudar de assunto”, sugeriu Kris.

“Como você está com o Sr. Wood?” Cody perguntou.

“Nada mal”, disse Kris. “Acho que tenho algumas piadas muito boas. Devo estar pronto para o show amanhã à noite.”

Eles pararam na esquina e deixaram passar uma grande van azul.

“Você está falando com sua irmã?” Cody perguntou enquanto atravessavam a rua. A forte luz do sol fazia seu cabelo louro-claro brilhar.

“Um pouco,” Kris disse, fazendo uma careta. “Estou falando com ela. Mas eu não a perdoei.”

“Essa foi uma façanha tão idiota que ela fez”, disse Cody com simpatia. Ele limpou o suor da testa com a manga da camiseta.

“Isso me fez sentir um idiota”, admitiu Kris. “Quer dizer, eu fui tão estúpido.

Ela realmente me fez acreditar que o Sr. Wood estava fazendo todas essas coisas.” Kris balançou a cabeça. Pensar nisso a fez sentir-se envergonhada novamente.

Sua casa apareceu. Ela abriu o zíper do compartimento traseiro da mochila e procurou as chaves.

“Você contou para sua mãe sobre a pegadinha de Lindy?” Cody perguntou.

Kris balançou a cabeça. “Mamãe está totalmente enojada. Não podemos mencionar os manequins para ela. Papai chegou de Portland ontem à noite e mamãe contou a ele o que estava acontecendo. Então também não podemos mencionar os manequins para ele!” Ela encontrou as chaves e começou a dirigir. “Obrigado por voltar para casa comigo.”

"Sim. Claro." Cody deu-lhe um pequeno aceno e continuou em direção à sua casa, no fim da rua.

Kris enfiou a chave na fechadura da porta da frente. Ela podia ouvir Barky pulando e latindo de excitação do outro lado da porta. "Estou indo, Barky", ela gritou.

"Tenha calma."

Ela empurrou a porta. Barky começou a pular sobre ela, choramingando como se ela estivesse ausente há meses. "Está bem, está bem!" ela chorou rindo.

Demorou vários minutos para acalmar o cachorro. Então Kris pegou um lanche no cozinha e foi para o quarto dela para praticar com o Sr. Wood.

Ela ergueu o boneco da cadeira onde ele passara o dia ao lado do boneco de Lindy. Com uma lata de Coca-Cola na mão, o boneco no ombro, ela foi até a penteadeira e sentou-se em frente ao espelho.

Esta era a melhor hora do dia para ensaiar, pensou Kris. Ninguém estava em casa. Dela os pais estavam no trabalho. Lindy estava em alguma atividade depois da escola.

Ela colocou o Sr. Wood em seu colo. "Hora de ir trabalhar", ela o fez dizer, alcançando suas costas para mover os lábios. Ela fez os olhos dele deslizarem para frente e para trás.

Um botão de sua camisa xadrez estava desabotoado. Kris encostou-o contra a penteadeira e comecei a prendê-la.

Algo chamou sua atenção. Algo amarelo dentro do bolso.

"Estranho," Kris disse em voz alta. "Nunca notei nada lá."

Enfiando dois dedos no bolso fino, ela tirou uma folha de papel amarelada, dobrada.

Provavelmente apenas o recibo para ele, pensou Kris.

Ela desdobrou a folha de papel e levantou-a para lê-la.

Não foi um recibo. O papel continha uma única frase escrita à mão com muita clareza e em negrito tinta preta. Estava numa língua que Kris não reconheceu. "Alguém lhe enviou um bilhete de amor, Sr. Wood?" ela perguntou ao manequim.

Ele olhou para ela sem vida.

Kris baixou os olhos para o papel e leu em voz alta a estranha frase: "Karru marri odonna loma molonu karrano".

Que língua é essa? Kris se perguntou.

Ela olhou para o boneco e soltou um grito baixo de surpresa.

O Sr. Wood pareceu piscar.

Mas isso não era possível, era ?

Kris respirou fundo e soltou o ar lentamente.

O boneco olhou para ela, os olhos pintados tão opacos e arregalados como sempre.

Não vamos ficar paranóicos, Kris repreendeu-se.

"Hora de trabalhar, Sr. Wood", ela disse a ele. Ela dobrou o pedaço de papel amarelo e colocou-o de volta no bolso da camisa dele. Então ela o colocou sentado, procurando os controles dos olhos e da boca com a mão.

"Como estão as coisas em *sua* casa, Sr. Wood?"

"Não é bom, Kris. Eu tenho cupins. Preciso de cupins como preciso de outro buraco na minha cabeça! Ha-ha!"

“Lindy! Kris! Você poderia descer, por favor! Sr. Powell gritou do pé da escada.

Já era depois do jantar e os gêmeos estavam em seu quarto. Lindy estava deitada de bruços na cama, lendo um livro para a escola. Kris estava na frente do espelho da penteadeira, ensaiando calmamente com o Sr. Wood para o show de amanhã à noite.

“O que você quer, pai?” Lindy gritou, revirando os olhos.

“Estamos meio ocupados”, Kris gritou, colocando o boneco em seu colo.

“Os Miller estão aqui e estão morrendo de vontade de ver seus atos de ventríloquo”, gritou o pai.

Lindy e Kris gemeram. Os Miller eram o casal de idosos que morava ao lado. Eles eram pessoas muito legais, mas muito chatas.

Os gêmeos ouviram os passos do Sr. Powell na escada. Alguns segundos depois, ele enfiou a cabeça no quarto. “Vamos lá meninas. Basta fazer um pequeno show para os Millers. Eles vieram tomar café e contamos sobre seus manequins.

“Mas tenho que ensaiar para amanhã à noite”, insistiu Kris.

“Ensaie com eles”, sugeriu o pai. “Vamos. Basta fazer cinco minutos. Eles vão se divertir muito com isso.

Suspirando alto, as meninas concordaram. Carregando os manequins nos ombros, seguiram o pai até a sala de estar.

O Sr. e a Sra. Miller estavam lado a lado no sofá, com canecas de café na frente deles na mesinha de centro baixa. Eles sorriram e gritaram saudações alegres quando as meninas apareceram.

Kris sempre ficava impressionado com o quanto os Millers eram parecidos. Ambos tinham rostos esbeltos e rosados, cobertos por cabelos brancos e esponjosos. Ambos usavam óculos bifocais com armação prateada, que escorregavam em narizes pontudos quase idênticos. Ambos tinham o mesmo sorriso. O Sr. Miller tinha um bigode pequeno e grisalho. Lindy sempre brincava que ele cultivava para que os Miller pudessem se diferenciar.

É isso que acontece com você quando você está casado há muito tempo? Kris se pegou pensando. Vocês começam a ficar exatamente iguais?

Os Millers estavam até vestidos da mesma forma, com bermudas largas e bermudas bege e camisas esportivas de algodão branco.

“Lindy e Kris começaram a praticar ventríloquismo há algumas semanas”, explicava a Sra. Powell, virando-se para a frente para ver as meninas sentadas na poltrona. Ela indicou-lhes o centro da sala. “E ambos parecem ter algum talento para isso.”

“Vocês já ouviram falar de Bergen e McCarthy?” — perguntou a Sra. Miller, sorrindo.

“Quem?” Lindy e Kris perguntaram em uníssono.

“Antes do seu tempo”, disse Miller, rindo. “Eles eram um ato de ventríloquo.”

“Você pode fazer algo por nós?” Sra. Miller perguntou, pegando sua caneca de café e colocando-a em seu colo.

Powell puxou uma cadeira da sala de jantar para o centro da sala. “Aqui. Lindy, por que você não vai primeiro? Ele se virou para os Millers. “Eles são muito bons. Você verá”, disse ele.

Lindy sentou-se e colocou Slappy no colo. Os Miller aplaudiram. Sra. Miller quase derramou o café, mas pegou a caneca bem a tempo.

“Não aplauda – apenas jogue dinheiro!” Lindy fez Slappy dizer. Todo mundo riu como se nunca tivessem ouvido isso antes.

Kris assistiu da escada enquanto Lindy fazia uma pequena rotina. Lindy era muito boa, ela tinha que admitir. Muito suave. Os Millers estavam rindo tanto que seus rostos estavam vermelhos. Um tom idêntico de vermelho. A Sra. Miller ficava apertando o joelho do marido quando ela ria.

Lindy terminou com muitos aplausos. Os Millers entusiasmaram-se com o quão maravilhosa ela era. Lindy contou a eles sobre o programa de TV em que ela poderia participar e eles prometeram que não perderiam. “Vamos gravar”, disse Miller.

Kris sentou-se na cadeira e sentou o Sr. Wood em seu colo. “Este é o Sr. Wood”, ela disse aos Millers. “Seremos os anfitriões do concerto de primavera na escola amanhã à noite. Então vou dar uma prévia do que vamos dizer.”

“É um boneco bonito”, disse a Sra. Miller calmamente.

“*Você também é um boneco bonito!*” Sr. Wood declarou com uma voz áspera e rouca.

A mãe de Kris engasgou. Os sorrisos dos Miller desapareceram.

O Sr. Wood se inclinou no colo de Kris e olhou para o Sr. Miller. “*Isso é um bigode ou você está comendo um rato?*” ele perguntou maldosamente.

O Sr. Miller olhou desconfortavelmente para a esposa e depois forçou uma risada. Ambos riram.

“*Não ria tanto. Você pode deixar cair sua dentadura!* — gritou o Sr. Wood.

“*E como você deixa seus dentes com aquele tom nojento de amarelo? Seu mau hálito faz isso?*”

“Kris!” — gritou a Sra. Powell. “É o bastante!”

Os rostos dos Miller estavam vermelhos agora, suas expressões confusas.

“Isso não é engraçado. Peça desculpas aos Millers”, insistiu o Sr. Powell, atravessando o sala e de pé sobre Kris.

“Eu... eu não disse nada disso!” Kris gaguejou. “Realmente eu-”

“Kris, peça desculpas!” seu pai exigiu com raiva.

O Sr. Wood voltou-se para os Miller. “*Sinto muito,*” ele murmurou. “*Sinto muito que você seja tão feio! Lamento que você seja tão velho e estúpido também!*”

Os Miller se entreolharam com tristeza. “Não entendo o humor dela”, disse a Sra. Miller.

“São apenas insultos grosseiros”, respondeu Miller calmamente.

“Kris, o que há de *errado* com você?” — perguntou a Sra. Powell. Ela atravessou a sala para ficar ao lado do marido. “Peça desculpas aos Millers agora mesmo! Eu não *acredito* em você!”

“Eu... eu...” Segurando o Sr. Wood firmemente pela cintura, Kris levantou-se. “EU- Eu...” Ela tentou pedir desculpas, mas nenhuma palavra saiu.

“Desculpe!” ela finalmente conseguiu gritar. Então, com um grito envergonhado, ela se virou e subiu as escadas correndo, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

17

"Você *tem* que acreditar em mim!" Kris gritou com a voz trêmula. "Eu realmente não disse nenhuma dessas coisas. O Sr. Wood estava falando sozinho!"

Lindy revirou os olhos. "Conte-me outra," ela murmurou sarcasticamente.

Lindy seguiu Kris escada acima. Na sala de estar, seus pais ainda pediam desculpas aos Miller. Agora, Kris estava sentada na beira da cama, enxugando as lágrimas do rosto. Lindy ficou com os braços cruzados na frente da penteadeira.

"Eu não faço piadas insultuosas como essa", disse Kris, olhando para o Sr. Wood, que estava caído no centro do chão onde Kris o havia jogado. "Você sabe que esse não é meu senso de humor."

"Então por que você fez isso?" Lindy exigiu. "Por que você quer deixar todo mundo bravo?"

"Mas eu *não fiz isso!*" Kris gritou, puxando as laterais do cabelo. "Senhor. Wood disse essas coisas! Eu não fiz isso!"

"Como você pode ser tão imitador?" Lindy perguntou com desgosto. "Eu já *fiz* essa piada, Kris. Você não consegue pensar em algo original?"

"Não é uma piada", insistiu Kris. "Por que você não acredita em mim?"

"De jeito nenhum," Lindy respondeu, balançando a cabeça, os braços ainda cruzados na frente do peito. "De jeito nenhum vou cair na mesma piada."

"Lindy, por favor!" Kris implorou. "Estou com medo. Estou realmente assustado."

"Sim. Claro," Lindy disse sarcasticamente. "Estou tremendo todo também. Uau. Você realmente me enganou, Kris. Acho que você me mostrou que também pode fazer truques engraçados."

"Cale-se!" Kris retrucou. Mais lágrimas se formaram nos cantos dos olhos dela.

"Muito bom chorar", disse Lindy. "Mas isso também não me engana. E não vai enganar mamãe e papai." Ela se virou e pegou Slappy. "Talvez Slappy e eu devêssemos praticar algumas piadas. Depois da sua apresentação hoje à noite, mamãe e papai podem não deixar você ir ao show amanhã à noite."

Ela pendurou Slappy por cima do ombro e, passando por cima da forma enrugada do Sr. Wood, saiu correndo da sala.

Estava quente e barulhento nos bastidores do auditório. A garganta de Kris estava seca e ela continuou andando até o bebedouro e bebendo água morna.

As vozes do público do outro lado da cortina pareciam ecoar nas quatro paredes e no teto. Quanto mais alto o barulho ficava à medida que o auditório se enchia, mais nervoso Kris ficava.

Como vou agir na frente de todas aquelas pessoas? ela se perguntou, puxando a borda da cortina alguns centímetros e olhando para fora. Seus pais estavam ao lado, na terceira fila.

Vê-los trouxe lembranças da noite anterior à mente de Kris. Seus pais a deixaram de castigo por duas semanas como punição por insultar os Miller.

Quase não a deixaram ir ao show.

Kris olhou para as crianças e adultos que entravam no grande auditório, reconhecendo um muitos rostos. Ela percebeu que suas mãos estavam geladas. Sua garganta estava seca novamente.

Não pense nisso como um público, ela disse a si mesma. Pense nisso como um bando de crianças e pais, a maioria dos quais você conhece.

De alguma forma, isso tornou tudo pior.

Ela soltou a cortina, correu para pegar um último gole na fonte, então resgatou o Sr. Wood da mesa em que ela o havia deixado.

De repente tudo ficou quieto do outro lado da cortina. O concerto estava prestes a começar.

"Quebrar a perna!" Lindy a chamou enquanto corria para se juntar aos outros membros do coro.

"Obrigado," Kris respondeu fracamente. Ela puxou o Sr. Wood e ajeitou sua camisa. "Suas mãos estão úmidas!" ela o fez dizer.

"Sem insultos esta noite," Kris disse severamente.

Para sua surpresa, o boneco piscou.

"Ei!" ela chorou. Ela não tocou nos controles oculares.

Ela sentiu uma pontada de medo que ia além do medo do palco. Talvez eu não devesse continuar com isso, ela pensou, olhando atentamente para o Sr. Wood, esperando que ele piscasse novamente.

Talvez eu devesse dizer que estou doente e não tocar com ele.

"Você está nervoso?" uma voz sussurrou.

"Huh?" A princípio, ela pensou que fosse o Sr. Wood. Mas então ela rapidamente percebeu que era a Sra. Berman, a professora de música.

"Sim. Um pouco", Kris admitiu, sentindo seu rosto esquentar.

"Você vai se sair muito bem", disse a Sra. Berman, apertando o ombro de Kris com a mão suada. Ela era uma mulher grande e corpulenta, com vários queixos, boca com batom vermelho e cabelos pretos esvoaçantes. Ela estava usando um vestido longo e largo com estampas de flores vermelhas e azuis. "Aqui vai," ela disse, dando mais um aperto no ombro de Kris.

Então ela subiu no palco, piscando contra a forte luz branca dos holofotes, para apresentar Kris e o Sr. Wood.

Estou realmente fazendo isso? Kris se perguntou.

Posso fazer isso?

Seu coração batia tão forte que ela não conseguiu ouvir a apresentação da Sra. Berman. Então, de repente, o público começou a aplaudir e Kris se viu atravessando o palco em direção ao microfone, carregando o Sr. Wood nas duas mãos.

A Sra. Berman, com seu vestido florido flutuando ao seu redor, estava saindo do palco. Ela sorriu para Kris e deu-lhe uma piscadela encorajadora quando eles se cruzaram.

Apertando os olhos contra o holofote brilhante, Kris caminhou até o meio do palco. Dela a boca estava seca como algodão. Ela se perguntou se conseguiria emitir algum som.

Uma cadeira dobrável foi preparada para ela. Ela sentou-se, acomodando o Sr. Wood no colo, e então percebeu que o microfone estava alto demais.

Isso arrancou risadas suaves da plateia.

Envergonhado, Kris levantou-se e, segurando o Sr. Wood debaixo do braço, lutou para abaixar o microfone.

“Você está tendo problemas?” A Sra. Berman chamou da lateral do palco. Ela correu para ajudar Kris.

Mas antes que o professor de música chegasse à metade do palco, o Sr. Wood inclinou-se para o microfone. “*A que horas o dirigível sobe?*” ele disse asperamente, olhando para a Sra. O vestido de Berman.

“O que?” Ela parou surpresa.

“*Seu rosto me lembra uma verruga que eu removi!*” O Sr. Wood rosnou para a mulher assustada.

Sua boca se abriu de horror. “Kris!”

“*Se contarmos seus queixos, isso nos dirá sua idade?*”

Houve risadas flutuando na plateia. Mas foi misturado com suspiros de horror.

“Kris, isso é o suficiente!” A Sra. Berman gritou, o microfone captando seu protesto furioso.

“*Você é mais que suficiente! Você é o suficiente para dois!* Sr. Wood declarou maldosamente. “*Se você fosse maior, precisaria do seu próprio CEP!*”

“Kris – sério! Vou pedir desculpas”, disse a Sra. Berman, com o rosto vermelho brilhante.

“Sra. Berman, eu... eu não vou fazer isso! Kris gaguejou. “Eu não estou dizendo essas coisas!”

“Por favor peça desculpas. Para mim e para o público”, exigiu a Sra. Berman.

O Sr. Wood inclinou-se para o microfone. “*Peça desculpas por ISSO!*” ele gritou.

A cabeça do manequim inclinou-se para trás. Seu queixo caiu. Sua boca se abriu.

E um líquido verde espesso saiu.

“Que nojo!” alguém gritou.

Parecia sopa de ervilha. Ele jorrou da boca aberta do Sr. Wood como água saindo de uma mangueira de incêndio.

Vozes gritaram e gritaram de surpresa quando o líquido espesso e verde caiu sobre as pessoas nas primeiras filas.

“Pare com isso!”

“Ajuda!”

“Alguém... desligue!”

“Isso fede!”

Kris congelou de horror, olhando enquanto mais e mais substância nojenta escorria da boca aberta de seu manequim.

Um fedor pútrido — cheiro de leite azedo, de ovos podres, de borracha queimada, de carne podre — subia do líquido. A água formou uma poça no palco e caiu sobre os bancos dianteiros.

Cega pelos holofotes, Kris não conseguia ver o público à sua frente. Mas ela podia ouvir os engasgos e engasgos, os gritos frenéticos de socorro.

“Limpe o auditório! Limpe o auditório! A Sra. Berman estava gritando.

Kris ouviu o barulho e o barulho das pessoas abrindo caminho pelos corredores e saindo pelas portas.

“Isso fede!”

"Eu estou doente!"

"Alguem AJUDE!"

Kris tentou tapar a boca do boneco com a mão. Mas a força do pútrido o líquido verde espumando e vomitando era muito forte. Isso empurrou a mão dela.

De repente, ela percebeu que estava sendo empurrada por trás. Fora do palco. Ausente das pessoas gritando que fugiam do auditório. Fora dos holofotes.

Ela estava nos bastidores antes de perceber que era a Sra. Berman quem a estava pressionando.

“Eu... eu não sei como você fez isso. Ou por quê! A Sra. Berman gritou com raiva, limpando freneticamente manchas do nojento líquido verde da frente do vestido com as duas mãos. “Mas vou providenciar para que você seja suspensa da escola, Kris! E se eu conseguir”, ela balbuciou, “você será suspenso para o *resto da vida!*”

18

"Isso mesmo. Feche a porta", disse o Sr. Powell severamente, olhando para Kris com os olhos semicerrados.

Ele ficou alguns centímetros atrás dela, com os braços cruzados na frente dele, certificando-se de que ela seguisse suas instruções. Ela dobrou cuidadosamente o Sr. Wood ao meio e o empurrou para o fundo da prateleira do armário. Agora ela fechou o armário, certificando-se de que estava completamente fechado, como ele ordenou.

Lindy assistia silenciosamente de sua cama, com uma expressão perturbada.

"A porta do armário tranca?" — perguntou o Sr. Powell.

"Não. Na verdade não," Kris disse a ele, abaixando a cabeça.

"Bem, isso terá que servir", disse ele. "Na segunda-feira, vou levá-lo de volta à loja de penhores. Não o leve para sair até então.

"Mas, pai—"

Ele ergueu a mão para silenciá-la.

"Temos que conversar sobre isso", implorou Kris. "Você tem que me ouvir. O que aconteceu esta noite não foi uma brincadeira. EU-"

Seu pai se afastou dela, uma carranca no rosto. "Kris, me desculpe. Conversaremos amanhã. Sua mãe e eu estamos muito zangados e chateados para conversar agora.

"Mas, pai—"

Ignorando-a, ele saiu furioso da sala. Ela ouviu seus passos, fortes e apressados, descendo as escadas. Então Kris virou-se lentamente para Lindy. "Agora você acredita em mim?"

"Eu... eu não sei em que acreditar", respondeu Lindy. "Foi tão... incrivelmente nojento."

"Lindy, eu... eu..."

"Papai está certo. Vamos conversar amanhã", disse Lindy. "Tenho certeza que tudo vai dar certo mais claro e mais calmo amanhã."

Mas Kris não conseguia dormir. Ela se mexia de um lado para o outro, desconfortável, bem acordada. Ela puxou o travesseiro sobre o rosto, segurou-o ali por um tempo, acolhendo a escuridão suave, depois jogou-o no chão.

Nunca mais vou dormir, ela pensou.

Cada vez que ela fechava os olhos, ela via mais uma vez a cena horrível no auditório. Ela ouviu os gritos de espanto do público, das crianças e de seus pais. E ela ouviu os gritos de choque se transformarem em gemidos de desgosto enquanto a gosma pútrida se espalhava sobre todos.

Doentio. Tão totalmente doentio.

E todos a culpavam.

Minha vida está arruinada, pensou Kris. Nunca mais poderei voltar lá. Nunca poderei ir à escola. Nunca posso mostrar meu rosto *em lugar nenhum*.

Arruinado. Minha vida inteira. Arruinado por aquele boneco estúpido.

Na cama ao lado, Lindy roncava suavemente, num ritmo lento e constante.

Kris voltou os olhos para a janela do quarto. As cortinas caíam sobre a janela, filtrando o pálido luar do lado de fora. Slappy sentou-se em seu lugar habitual na cadeira em frente à janela, dobrado em dois, a cabeça entre os joelhos.

Idiotas estúpidos, Kris pensou amargamente. Tão estúpido.

E agora minha vida está arruinada.

Ela olhou para o relógio. Uma e vinte. Do lado de fora da janela, ela ouviu um som baixo, som estrondoso. Um apito suave de freios. Provavelmente um grande caminhão passando.

Kris bocejou. Ela fechou os olhos e viu a gosma verde e nojenta saindo da boca do Sr. Wood.

Verei isso toda vez que fechar os olhos? ela imaginou.

O que diabos *foi* isso? Como todos puderam *me* culpar por algo tão... tão...

O barulho do caminhão desapareceu ao longe.

Mas então Kris ouviu outro som. Um farfalhar.

Um passo suave.

Alguém estava se movendo.

Ela prendeu a respiração e prendeu a respiração, ouvindo com atenção.

Silêncio agora. O silêncio era tão pesado que ela podia ouvir as batidas fortes de seu coração.

Depois outro passo suave.

Uma sombra se moveu.

A porta do armário se abriu.

Ou eram apenas sombras mudando?

Não. Alguém estava se movendo. Saindo do armário aberto. Alguém estava rastejando em direção à porta do quarto. Rastejando tão suavemente, tão silenciosamente.

Com o coração batendo forte, Kris se levantou, tentando não fazer barulho. Percebendo que estava prendendo a respiração, ela soltou o ar lentamente, silenciosamente. Ela respirou fundo e sentou-se.

A sombra moveu-se lentamente em direção à porta.

Kris abaixou os pés no chão, olhando fixamente para a escuridão, seus olhos permanecendo na figura silenciosa e em movimento.

O que está acontecendo? ela imaginou.

A sombra se moveu novamente. Ela ouviu um som raspado, o som de uma manga roçando no batente da porta.

Kris se levantou. Suas pernas tremiam enquanto ela rastejava até a porta, seguindo a sombra em movimento.

No corredor. Ainda mais escuro aqui porque não havia janelas.

Em direção à escada.

A sombra moveu-se mais rapidamente agora.

Kris a seguiu, os pés descalços movendo-se levemente sobre o tapete fino.

O que está acontecendo? O que está acontecendo?

Ela alcançou a figura sombria no patamar. "Ei!" ela chamou, sua voz um sussurro tenso.

Ela agarrou o ombro e virou a figura.

E olhou para o rosto sorridente do Sr. Wood.

19

O Sr. Wood piscou e depois sibilou para ela, um som feio, um som ameaçador. Na escuridão da escada, seu sorriso pintado tornou-se um olhar malicioso e ameaçador.

Em seu susto, Kris apertou o ombro do manequim, envolvendo os dedos em volta dele. o tecido áspero de sua camisa.

“Isso... isso é impossível!” ela sussurrou.

Ele piscou novamente. Ele riu. Sua boca se abriu, fazendo seu sorriso crescer ainda mais.

Ele tentou se desvencilhar de Kris, mas ela se segurou sem nem perceber que o segurava.

“Mas... você é um *idiot*!” ela gritou.

Ele riu novamente. “Você também”, ele respondeu. Sua voz era um rosnado profundo, como o rosnado furioso de um cachorro grande.

“Você não pode andar!” Kris gritou com a voz trêmula.

O manequim deu sua risadinha feia novamente.

“Você não pode estar vivo!” Kris exclamou.

“Me solte – *agora!*” o manequim rosnou.

Kris segurou, apertando ainda mais. “Estou sonhando”, Kris disse a si mesma em voz alta. “Eu tenho que estar sonhando.”

“Eu não sou um sonho. Eu sou um pesadelo!” — exclamou o manequim e jogou a cabeça de madeira para trás, rindo.

Ainda segurando o ombro da camisa, Kris olhou através da escuridão para o rosto sorridente. O ar pareceu ficar pesado e quente. Ela sentiu como se não conseguisse respirar, como se estivesse sufocando.

Que som foi esse?

Demorou um pouco para ela reconhecer os suspiros tensos de sua própria respiração.

“Me solte”, repetiu o manequim. “Ou vou jogar você escada abaixo.” Ele tentou mais uma vez sair de seu alcance.

“Não!” Kris insistiu, segurando firme. “Eu... estou colocando você de volta no armário.”

O boneco riu e aproximou o rosto pintado do rosto de Kris. “Você não pode me manter lá.”

“Estou trancando você. Estou trancando você em uma caixa. Em *alguma coisa!* Kris declarou, pânico nublando seus pensamentos.

A escuridão parecia descer sobre ela, sufocando-a, pesando-a.

“Solte-me.” O manequim puxou com força.

Kris estendeu a outra mão e agarrou-o pela cintura.

“Me solte,” ele rosnou em sua voz rouca e profunda. “Eu estou no comando agora. Você vai me ouvir. Esta é *minha* casa agora.

Ele puxou com força.

Kris envolveu sua cintura.

Os dois caíram na escada, rolando alguns degraus.

"Solte!" o manequim ordenou. Ele rolou em cima dela, seus olhos selvagens olhando para os dela.

Ela o empurrou e tentou prender seus braços atrás das costas.

Ele era surpreendentemente forte. Ele puxou um braço para trás e enfiou o punho com força na boca do estômago dela.

"Ahh." Kris gemeu, sentindo sua falta de ar.

O manequim aproveitou sua fraqueza momentânea e se libertou.

Agarrando o corrimão com uma mão, ele tentou passar por ela e descer as escadas.

Mas Kris disparou e o fez tropeçar.

Ainda lutando para respirar, ela pulou nas costas dele. Então ela o puxou para longe do corrimão e empurrou-o com força para um degrau.

"Oh!" Kris engasgou alto quando a luz do corredor acendeu. Ela fechou os olhos contra a súbita e dura intrusão. O manequim lutou para sair de debaixo dela, mas ela o empurrou de costas com todo o seu peso.

"Kris – o que diabos –?!" A voz assustada de Lindy gritou do último degrau.

"É o Sr. Wood!" Kris conseguiu chorar por ela. "Ele está *vivo*!" Ela empurrou caiu com força, esparramado sobre o manequim, mantendo-o preso embaixo dela.

"Kris, o que você está fazendo?" Lindy exigiu. "Você está bem?"

"Não!" Kris exclamou. "Eu não estou bem! Por favor, Lindy! Vá buscar mamãe e papai! Senhor. Wood... ele está vivo!"

"É apenas um manequim!" Lindy gritou, dando alguns passos relutantes em direção à irmã.

"Levante-se, Kris! Você perdeu a cabeça?"

"*Escute-me!*" Kris gritou a plenos pulmões. "Chame mamãe e papai! Antes que ele escape!"

Mas Lindy não se mexeu. Ela olhou para sua irmã, seus longos cabelos caindo emaranhados sobre seu rosto, suas feições contorcidas de horror. "Levante-se, Kris," ela insistiu.

"Por favor, levante-se. Vamos voltar para a cama.

"Estou lhe *dizendo*, ele está *vivo*!" Kris chorou desesperadamente. "Você tem que acreditar em mim, Lindy. Tens *de*!"

O boneco jazia sem vida debaixo dela, o rosto enterrado no tapete, os braços e pernas estendidas para os lados.

"Você teve um pesadelo," Lindy insistiu, descendo passo a passo, segurando sua longa camisola acima dos tornozelos até ficar bem acima de Kris. "Volte para a cama, Kris. Foi apenas um pesadelo. A coisa horrível que aconteceu no show foi que te deu um pesadelo, só isso."

Ofegante, Kris levantou-se e virou a cabeça para encarar sua irmã.

Agarrando o corrimão com uma mão, ela se levantou um pouco.

No instante em que ela se aproximou dele, o manequim agarrou a beirada da escada com as duas mãos e saiu de debaixo dela. Meio caindo, meio rastejando, ele desceu o resto da escada.

"Não! Não! Eu não *acredito*!" Lindy gritou ao ver o boneco se mover.

"Vá buscar mamãe e papai!" Kris disse. "Pressa!"

Com a boca aberta em choque e descrença, Lindy se virou e subiu as escadas, gritando por seus pais.

Kris saltou do degrau, estendendo os braços à sua frente.

Ela abordou o Sr. Wood por trás, passando os braços em volta de sua cintura.

Sua cabeça bateu com força no carpete quando os dois caíram no chão.

Ele soltou um grito baixo e gutural de dor. Seus olhos se fecharam. Ele não se mexeu.

Atordoada, com o peito arfando, todo o corpo tremendo, Kris subiu lentamente até ela.

pés. Ela rapidamente pressionou um pé nas costas do manequim para mantê-lo no lugar.

"Mamãe e papai, onde vocês *estão*?" ela gritou em voz alta. "Pressa."

O manequim levantou a cabeça. Ele soltou um grunhido furioso e começou a bater os braços e as pernas descontroladamente.

Kris pressionou o pé com força nas costas dele.

"Solte!" ele rosnou cruelmente.

Kris ouviu vozes no andar de cima.

"Mãe? Pai? Aqui embaixo!" ela os chamou.

Os pais dela apareceram no andar de cima, com os rostos cheios de preocupação.

"Olhar!" Kris gritou, apontando freneticamente para o boneco sob seu pé.

20

"Olhar para o *que*?" — gritou o Sr. Powell, ajustando a blusa do pijama.

Kris apontou para o boneco sob seu pé. "Ele... ele está tentando fugir", ela gaguejou.

Mas o Sr. Wood estava deitado de bruços, sem vida.

"Isso deveria ser uma piada?" — perguntou a Sra. Powell com raiva, as mãos na cintura da camisola de algodão.

"Não entendi", disse Powell, balançando a cabeça.

"Senhor. Wood... ele desceu as escadas correndo", Kris disse freneticamente. "Ele tem feito tudo. Ele-"

"Isso não tem graça", disse a Sra. Powell, cansada, passando a mão pelo cabelo loiro. "Não é nada engraçado, Kris. Acordar todo mundo no meio da noite."

"Eu realmente acho que você perdeu a cabeça. Estou muito preocupado com você", Sr. Powell adicionado. "Quero dizer, depois do que aconteceu na escola esta noite..."

"Escute-me!" Kris gritou. Ela se abaixou e puxou o Sr. Wood do chão. Segurando-o pelos ombros, ela o sacudiu com força. "Ele se move! Ele corre! Ele fala! Ele... ele está *vivo*!"

Ela parou de sacudir o manequim e o soltou. Ele caiu sem vida no chão, caindo imóvel a seus pés.

"Acho que talvez você precise consultar um médico", disse Powell, com o rosto tenso de preocupação.

"Não. Eu o *vi* também! Lindy disse, vindo em auxílio de Kris. "Kris está certo. O manequim se mexeu. Mas então ela acrescentou: "Quer dizer, acho *que* mudou!"

Você é de grande ajuda, Lindy, Kris pensou, de repente sentindo-se fraco, esgotado.

"Isso é apenas mais uma pegadinha estúpida?" — perguntou a Sra. Powell com raiva. "Depois do que aconteceu na escola hoje à noite, acho que isso seria o suficiente."

"Mas, mãe..." Kris começou, olhando para a pilha sem vida a seus pés.

"Volte para a cama", ordenou a Sra. Powell. "Não há escola amanhã. Nós teremos bastante tempo para discutir punições para vocês dois."

"*Meu*?" Lindy gritou, indignada. "O que *eu* fiz?"

"Mãe, estamos falando a verdade!" Kris insistiu.

"Ainda não entendi a piada", disse Powell, balançando a cabeça. Ele se virou para sua esposa. "Devíamos acreditar nela ou algo assim?"

"Vá para a cama. Vocês dois. Agora!" a mãe deles retrucou. Ela e o pai desapareceram do patamar do andar de cima, voltando furiosos pelo corredor até sua casa. sala.

Lindy permaneceu com uma mão no topo do corrimão, olhando para Kris com pesar.

"Você acredita em mim, não é?" Kris ligou para ela.

"Sim. Eu acho," Lindy respondeu em dúvida, baixando os olhos para o boneco aos pés de Kris.

Kris também olhou para baixo. Ela viu o Sr. Wood piscar. Ele começou a se endireitar.

"Uau!" Ela soltou um grito alarmado e agarrou-o pelo pescoço. "Lindy...
pressa!" ela chamou. "Ele está se movendo de novo!"

"O que devemos fazer?" Lindy gaguejou, descendo as escadas hesitante.

"Eu não sei," Kris respondeu enquanto o manequim batia os braços e as pernas contra o tapete, tentando desesperadamente se libertar do aperto das duas mãos em seu pescoço.

"Temos que—"

"Não há *nada* que você possa fazer", rosnou o Sr. Wood. "Vocês serão meus escravos agora. Estou vivo mais uma vez! Vivo!"

"Mas como?" Kris exigiu, olhando para ele com descrença. "Quero dizer, você é um idiota. Como-?"

O manequim riu. "Você me trouxe de volta à vida", ele disse a ela em seu tom rouco. voz. "Você leu as palavras antigas."

As palavras antigas? O que ele estava falando?

E então Kris se lembrou. Ela havia lido as palavras estranhas na folha de papel no bolso da camisa do manequim.

"Estou de volta, graças a você", rosnou o manequim. "E agora você e sua irmã me servirão."

Enquanto ela olhava horrorizada para o boneco sorridente, uma ideia surgiu na mente de Kris.

O papel. Ela o colocou de volta no bolso dele.

Se eu ler as palavras novamente, pensou Kris, ele voltará a dormir.

Ela estendeu a mão e o agarrou. Ele tentou se afastar, mas ela foi muito rápida.

A folha dobrada de papel amarelo estava em sua mão.

"Me dê isso!" ele chorou. Ele bateu nele, mas Kris o tirou de seu alcance.

Ela o desdobrou rapidamente. E antes que o manequim pudesse tirar o papel dela
mãos, ela leu as estranhas palavras em voz alta:

"Karru marri odonna loma molonu karrano."

21

Ambas as irmãs olharam para o manequim, esperando que ele desmaiasse.

Mas ele agarrou o corrimão e jogou a cabeça para trás com uma risada divertida e desdenhosa. “Essas são as palavras do antigo feiticeiro para me trazer à vida!” ele proclamou. “Essas não são as palavras para me matar!”

Mate ele?

Sim, Kris pensou freneticamente. Ela jogou fora o papel amarelo com desgosto. Nós não temos escolha.

“Temos que matá-lo, Lindy.”

"Huh?" O rosto de sua irmã se encheu de surpresa.

Kris agarrou o boneco pelos ombros e segurou-o com força. “Eu vou segurá-lo. Você arranca a cabeça dele.

Lindy estava ao lado dela agora. Ela teve que se esquivar dos pés agitados do Sr. Wood.

“Eu vou mantê-lo quieto,” Kris repetiu. “Agarre a cabeça dele. Tire isso.

“Você... você tem certeza?” Lindy hesitou, suas feições tensas de medo.

"Apenas faça!" Kris gritou.

Ela deixou as mãos deslizarem pela cintura do Sr. Wood.

Lindy agarrou sua cabeça com as duas mãos.

"Solte-me!" o manequim murmurou.

"Puxar!" Kris chorou para sua irmã aterrorizada.

Segurando o manequim firmemente pela cintura, ela se recostou, afastando-o da irmã.

As mãos de Lindy estavam firmemente em volta da cabeça do manequim. Com um alto gemido, ela puxou com força.

A cabeça não saiu.

O Sr. Wood soltou uma risadinha estridente. "Parar. Você está me fazendo cócegas! ele murmurou.

“Puxe com mais força!” Kris ordenou a sua irmã.

O rosto de Lindy estava vermelho brilhante. Ela apertou ainda mais a cabeça e puxou novamente, puxando com toda sua força.

O manequim deu sua risadinha estridente e desagradável.

“Isso... não vai sair”, disse Lindy, suspirando em derrota.

"Torça!" Kris sugeriu freneticamente.

O manequim se debateu com os pés, chutando Kris no estômago. Mas ela segurou sobre. “Torça a cabeça!” ela chorou.

Lindy tentou virar a cabeça.

O manequim deu uma risadinha.

“Não vai torcer!” Lindy chorou de frustração. Ela soltou a cabeça e deu um passo para trás.

O Sr. Wood levantou a cabeça, olhou para Lindy e sorriu. “Você não pode me matar. Eu tenho poderes.

“O que nós fazemos?” Lindy gritou, erguendo os olhos para Kris.

“Esta é a minha casa agora,” o manequim murmurou, sorrindo para Lindy enquanto lutava para escapar dos braços de Kris. “Você fará o que eu digo agora. Coloque-me no chão.

“O que nós fazemos ?” Lindy repetiu.

“Leve-o para cima. Vamos *cortar* a cabeça dele”, respondeu Kris.

O Sr. Wood virou a cabeça, os olhos abertos em um olhar maligno.

“Ai!” Kris gritou de surpresa quando o manequim bateu a mandíbula no braço dela, mordendo-a. Ela puxou o braço e, sem pensar, deu um tapa na cabeça de madeira do boneco com a palma da mão.

O manequim deu uma risadinha em resposta. “Violência! Violência!” ele disse em um tom de zombaria de repreensão.

“Pegue aquela tesoura afiada. Na sua gaveta”, Kris instruiu a irmã. “Vou carregá-lo para o nosso quarto.”

Seu braço latejava onde ele a havia mordido. Mas ela o segurou com força e o carregou até o quarto.

Lindy já havia tirado a longa tesoura de metal da gaveta. Sua mão tremia quando ela abriu e fechou as lâminas.

“Abaixo do pescoço”, disse Kris, segurando o Sr. Wood com força pelos ombros.

Ele sibilou furiosamente para ela. Ela se esquivou quando ele tentou chutá-la com os dois pés do tênis.

Segurando a tesoura com as duas mãos, Lindy tentou cortar a cabeça na altura do pescoço. A tesoura não cortou, então ela tentou um movimento de serra.

O Sr. Wood deu uma risadinha. “Eu te disse. Você não pode me matar.

“Não vai funcionar,” Lindy chorou, lágrimas de frustração escorrendo pelo seu corpo. bochechas. “O que agora?”

“Vamos colocá-lo no armário. Então podemos pensar”, respondeu Kris.

“Você não precisa pensar. Vocês são meus escravos”, disse o manequim com voz rouca. “Você irá fazer tudo o que eu pedir. Eu estarei no comando a partir de agora.

“De jeito nenhum,” Kris murmurou, balançando a cabeça.

“E se *não* ajudarmos você?” Lindy exigiu.

O manequim virou-se para ela, lançando-lhe um olhar duro e raivoso. “Então começarei a machucar aqueles que você ama”, disse ele casualmente. “Seus pais. Seus amigos. Ou talvez aquele cachorro nojento que está sempre latindo comigo.” Ele jogou a cabeça para trás e uma risada seca e maligna escapou de seus lábios de madeira.

“Tranque-o no armário”, sugeriu Lindy. “Até descobrirmos como nos livrar dele.”

“Você *não* pode se livrar de mim”, insistiu o Sr. Wood. “Não me deixe com raiva. Eu tenho poderes. Estou te avisando. Estou começando a me cansar de suas tentativas estúpidas de me prejudicar.”

“O armário não tranca, lembra?” Kris gritou, lutando para segurar o boneco que se contorcia.

"Oh. Espere. Que tal agora?" Lindy correu para o armário. Ela puxou um velho mala por trás.

"Perfeito", disse Kris.

— Estou avisando... — ameaçou o Sr. Wood. "Você está se tornando muito cansativo."

Com um forte puxão, ele se libertou de Kris.

Ela mergulhou para atacá-lo, mas ele saiu de debaixo dela. Ela caiu de bruços na cama.

O manequim correu para o centro da sala e depois voltou os olhos para a porta, como se tentasse decidir para onde ir. "Você deve fazer o que eu digo," ele disse sombriamente, levantando uma mão de madeira em direção a Lindy. "Eu não vou fugir de vocês dois. Vocês serão meus escravos.

"Não!" Kris gritou, levantando-se.

Ela e a irmã mergulharam no boneco. Lindy agarrou seus braços. Kris se abaixou para agarrar seus tornozelos.

Trabalhando juntos, eles o enfiaram na mala aberta.

"Você vai se arrepender disso", ele ameaçou, chutando as pernas, lutando para acertá-las.

"Você vai pagar caro por isso. Agora alguém vai morrer!" Ele continuou gritando depois que Kris trancou a mala e a colocou no armário. Ela rapidamente fechou a porta do armário e encostou as costas nela, suspirando cansada.

"O que agora?" ela perguntou a Lindy.

22

“Vamos enterrá-lo”, disse Kris.

“Huh?” Lindy reprimiu um bocejo.

Eles estavam sussurrando juntos pelo que pareceram horas. Enquanto tentavam bolar um plano, puderam ouvir os gritos abafados do boneco vindos de dentro do armário.

“Vamos enterrá-lo. Debaixo daquele enorme monte de terra,” Kris explicou, seus olhos indo para a janela. “Você sabe. Ao lado, ao lado da casa nova.”

“Sim. OK. Eu não sei,” Lindy respondeu. “Estou tão cansado que não consigo pensar direito.” Ela olhou para o relógio da mesa de cabeceira. Eram quase três e meia da manhã. “Ainda acho que deveríamos acordar mamãe e papai”, disse Lindy, com medo refletido em seus olhos.

“Não podemos,” Kris disse a ela. “Já falamos disso centenas de vezes. Eles não vão acreditar em nós. Se os acordarmos, teremos problemas ainda maiores.”

“Como poderíamos estar em apuros *maiores*?” Lindy exigiu, gesticulando com a cabeça para o armário onde os gritos furiosos do Sr. Wood ainda podiam ser ouvidos.

“Vista-se”, disse Kris com energia renovada. “Vamos enterrá-lo sob toda essa sujeira. Então nunca mais teremos que pensar nele novamente.”

Lindy estremeceu e voltou os olhos para o boneco, dobrado na cadeira. “EU não aguento mais olhar para Slappy. Sinto muito por nos interessar por manequins.”

“Sshhh. Apenas se vista,” Kris disse impacientemente.

Poucos minutos depois, as duas garotas desceram as escadas na escuridão. Kris carregou a mala com os dois braços, tentando abafar o som dos protestos furiosos do Sr. Wood.

Eles pararam no final da escada e ficaram atentos a qualquer sinal de que haviam acordado os pais.

Silêncio.

Lindy abriu a porta da frente e eles saíram.

O ar estava surpreendentemente fresco e úmido. Um forte orvalho começou a cair, fazendo o gramado da frente brilhar sob a luz da meia-lua. Folhas de grama molhada grudavam em seus tênis enquanto eles seguiam para a garagem.

Enquanto Kris segurava a mala, Lindy lentamente e silenciosamente abriu a porta da garagem. Quando estava na metade do caminho, ela se abaixou e entrou.

Alguns segundos depois ela apareceu, carregando uma grande pá de neve. “Isso deveria fazer isso,” ela disse, sussurrando mesmo que não houvesse ninguém por perto.

Kris olhou para a rua enquanto eles atravessavam o pátio em direção ao estacionamento ao lado. O forte orvalho da manhã obscurecia o brilho dos postes de luz, fazendo com que a luz pálida parecesse curvar-se e tremeluzir como velas. Tudo parecia brilhar sob o céu roxo escuro.

Kris colocou a mala ao lado do alto monte de terra. “Vamos cavar aqui embaixo”, disse ela, apontando para o fundo do monte. “Vamos empurrá-lo e cobri-lo.”

“Estou avisando”, ameaçou o Sr. Wood, ouvindo dentro da mala. “Seu plano não funcionará. Eu tenho poderes!

“Você cava primeiro”, disse Kris à irmã, ignorando a ameaça do boneco. “Então eu vou dar uma volta.”

Lindy cavou na pilha e pegou uma pá cheia de terra. Kris estremeceu. O orvalho pesado parecia frio e úmido. Uma nuvem flutuou sobre a lua, escurecendo o céu de roxo para preto.

“Deixe-me sair!” O Sr. Wood ligou. “Deixe-me sair agora e sua punição não será muito severa.”

“Cave mais rápido,” Kris sussurrou impacientemente.

“Estou indo o mais rápido que posso”, respondeu Lindy. Ela havia cavado um pedaço de bom tamanho buraco quadrado na base do monte. “Quanto mais profundo você acha?”

“Mais profundo”, disse Kris. “Aqui. Cuidado com a mala. Vou dar uma volta.” Ela mudou lugares com Lindy e comecei a cavar.

Algo correu pesadamente perto dos arbustos baixos que separavam os quintais. Kris olhou para cima, viu uma sombra em movimento e engasgou.

“Guaxinim, eu acho,” Lindy disse com um estremecimento. “Vamos enterrar o Sr. Wood na mala ou vamos tirá-lo?”

“Acha que mamãe vai notar que a mala sumiu?” Kris perguntou, jogando uma pá cheia de terra molhada para o lado.

Lindy balançou a cabeça. “Nós nunca usamos isso.”

“Vamos enterrá-lo na mala”, disse Kris. “Será mais fácil.”

“Você vai se arrepender”, disse o manequim com voz rouca. A mala balançou e quase caiu de lado.

“Estou com tanto sono,” Lindy gemeu, jogando as meias no chão e depois deslizando os pés sob as cobertas.

“Estou bem acordada,” Kris respondeu, sentando na beira da cama. “Acho que é porque estou muito feliz. Estou tão feliz que nos livramos daquela criatura horrível.”

“É tudo tão estranho”, disse Lindy, ajustando o travesseiro atrás da cabeça. “Eu não culpar mamãe ou papai por não acreditar. Também não tenho certeza se acredito nisso.

“Você colocou a pá de volta onde a encontrou?” Kris perguntou.

Lindy assentiu. “Sim,” ela disse sonolenta.

“E você fechou a porta da garagem?”

“Sshhh. Estou dormindo”, disse Lindy. “Pelo menos não há escola amanhã. Podemos dormir até tarde.

“Espero poder adormecer”, disse Kris em dúvida. “Estou tão *animado*. É tudo como uma espécie de pesadelo horrivelmente nojento. Eu só acho... Lindy? Lindy, você ainda está acordado?

Não. A irmã dela tinha adormecido.

Kris olhou para o teto. Ela puxou os cobertores até o queixo. Ela ainda sentia resfriado. Ela não conseguia se livrar da umidade fria do ar da manhã.

Depois de um tempo, com pensamentos sobre tudo o que aconteceu naquela noite zumbindo loucamente em sua cabeça, Kris adormeceu também.

O barulho das máquinas acordou-a às oito e meia da manhã seguinte. Espreguiçando-se, tentando afastar o sono dos olhos, Kris cambaleou até a janela, inclinou-se sobre a cadeira que segurava Slappy e espiou para fora.

Era um dia cinzento e nublado. Dois enormes rolos compressores amarelos rolavam o terreno ao lado, atrás da casa recém-construída, aplainando o terreno.

Eu me pergunto se eles vão destruir aquele grande monte de terra, Kris pensou, olhando para eles. Isso seria realmente *excelente*.

Kris sorriu. Ela não dormiu muito, mas se sentiu revigorada.

Lindy ainda estava dormindo. Kris passou por ela na ponta dos pés, vestiu o roupão e desceu as escadas.

“Bom dia, mãe”, ela gritou alegremente, amarrando o cinto no roupão ao entrar na cozinha.

A Sra. Powell virou-se da pia para encará-la. Kris ficou surpresa ao ver uma expressão de raiva no rosto dela.

Ela seguiu o olhar da mãe até o balcão do café da manhã.

"Oh!" Kris engasgou quando viu o Sr. Wood. Ele estava sentado no balcão, com as mãos no colo. Seu cabelo estava emaranhado com sujeira marrom-avermelhada e ele tinha manchas de sujeira nas bochechas e na testa.

Kris levou as mãos ao rosto, horrorizada.

“Achei que lhe disseram para nunca trazer aquela coisa aqui!” Sra. repreendido. “O que eu tenho que fazer, Kris?” Ela se virou com raiva de volta para a pia.

O manequim piscou para Kris e lançou-lhe um sorriso largo e maligno.

23

Enquanto Kris olhava horrorizado para o boneco sorridente, o Sr. Powell apareceu de repente na porta da cozinha. "Preparar?" ele perguntou à esposa.

A Sra. Powell pendurou o pano de prato no corredor e se virou, tirando uma mecha de cabelo da testa. "Preparar. Vou pegar minha bolsa. Ela passou por ele e entrou no corredor da frente.

"Onde você está indo?" Kris gritou, sua voz revelando seu alarme. Ela manteve os olhos no boneco no balcão.

"Só estou fazendo algumas compras na loja de jardinagem", disse o pai, entrando na sala e espiando pela janela da cozinha. "Parece chuva."

"Não vá!" Kris implorou.

"Huh?" Ele se virou para ela.

"Não vá, por favor!" Kris chorou.

Os olhos do pai pousaram no boneco. Ele foi até ele. "Ei, o que a grande ideia? seu pai perguntou com raiva.

"Achei que você queria levá-lo de volta à loja de penhores", respondeu Kris, pensando rapidamente.

"Só na segunda-feira", respondeu o pai. "Hoje é sábado, lembra?"

O boneco piscou. O Sr. Powell não percebeu.

"Você tem que fazer compras agora?" Kris perguntou em voz baixa.

Antes que o pai pudesse responder, a Sra. Powell reapareceu na porta. "Aqui. Pegue," ela gritou, e jogou as chaves do carro para ele. "Vamos antes que chova."

O Sr. Powell dirigiu-se para a porta. "Por que você não quer que a gente vá?" ele perguntou.

"O manequim..." Kris começou. Mas ela sabia que era impossível. Eles nunca ouviriam. Eles nunca acreditariam nela. "Não importa," ela murmurou.

Alguns segundos depois, ela ouviu o carro deles voltando para a garagem. Eles se foram.

E ela estava sozinha na cozinha com o boneco sorridente.

O Sr. Wood virou-se lentamente para ela, girando o banco alto do balcão. Seus grandes olhos fixaram-se com raiva nos de Kris.

"Eu avisei você," ele murmurou.

Barky entrou trotando na cozinha, as unhas dos pés estalando alto no linóleo.

Ele farejou o chão enquanto corria, procurando restos de café da manhã que alguém pudesse ter deixado cair.

"Barky, onde você esteve?" Kris perguntou, feliz por ter companhia.

O cachorro a ignorou e cheirou embaixo do banquinho onde o Sr. Wood estava sentado.

"Ele estava lá em cima, me acordando", disse Lindy, esfregando os olhos enquanto entrava na cozinha. Ela usava shorts de tênis brancos e uma camiseta magenta sem mangas. "Cachorro estúpido."

Barky lambeu um ponto do linóleo.

Lindy gritou ao avistar o Sr. Wood. "Oh não!"

"Estou de volta", disse o manequim com voz rouca. "E estou muito infeliz com vocês dois escravos."

Lindy se virou para Kris, com a boca aberta de surpresa e terror.

Kris manteve os olhos fixos no boneco. *O que ele planeja fazer?* ela imaginou. *Como posso impedi-lo?*

Enterrá-lo sob toda aquela sujeira não o impediu de retornar. De alguma forma ele tinha libertou-se da mala e saiu.

Não havia nenhuma maneira de derrotá-lo? De qualquer maneira?

Com seu sorriso maligno, o Sr. Wood caiu no chão, seus tênis batendo forte no chão.

"Estou muito infeliz com vocês dois escravos", ele repetiu com sua voz rouca.

"O que você vai fazer?" Lindy gritou com uma voz estridente e assustada.

"Eu tenho que punir você", respondeu o manequim. "Tenho que provar a você que estou falando sério."

"Espere!" Kris chorou.

Mas o boneco moveu-se rapidamente. Ele se abaixou e agarrou Barky pelo pescoço com as duas mãos.

Quando o boneco apertou ainda mais, o terrier assustado começou a uivar de dor.

24

“Eu avisei você”, o Sr. Wood rosnou acima dos uivos do pequeno terrier preto. “Você fará o que eu digo – ou um por um, aqueles que você ama sofrerão!”

"Não!" Kris chorou.

Barky soltou um grito estridente, um gemido de dor que fez Kris estremecer.

“Solte Barky!” Kris gritou.

O manequim deu uma risadinha.

Barky soltou um suspiro rouco.

Kris não aguentava mais. Ela e Lindy pularam no boneco pelos dois lados. Lindy abordou suas pernas. Kris agarrou Barky e puxou.

Lindy arrastou o boneco para o chão. Mas suas mãos de madeira seguravam com força a garganta do cachorro.

Os uivos de Barky tornaram-se um gemido abafado enquanto ele lutava para respirar.

"Solte! Solte!" Kris gritou.

"Eu te *avisei*!" o manequim rosnou enquanto Lindy segurava com força suas pernas que chutavam. “O cachorro deve morrer agora!”

"Não!" Kris soltou o cachorro ofegante. Ela deslizou as mãos até os pulsos do manequim. Então, com um puxão forte, ela separou as mãos de madeira.

Barky caiu no chão, ofegante. Ele correu para o canto, com as patas deslizando freneticamente pelo chão liso.

“Você vai pagar agora!” O Sr. Wood rosnou. Libertando-se de Kris, ele balançou seu mão de madeira levantada, acertando um golpe forte na testa de Kris.

Ela gritou de dor e levou as mãos à cabeça.

Ela ouviu Barky latindo alto atrás dela.

"Solte-me!" Sr. Wood exigiu, voltando-se para Lindy, que ainda segurava suas pernas.

"Sem chance!" Lindy chorou. "Kris, agarre seus braços novamente."

Com a cabeça ainda latejante, Kris avançou para agarrar os braços do boneco.

Mas ele abaixou a cabeça quando ela se aproximou e apertou seu pulso com suas mandíbulas de madeira.

“Ai!” Kris uivou de dor e recuou.

Lindy ergueu o boneco pelas pernas e bateu com força o corpo dele no chão. Ele soltou um grunhido furioso e tentou se libertar dela.

Kris atacou novamente e desta vez agarrou um braço e depois o outro. Ele abaixou a cabeça para morder mais uma vez, mas ela se esquivou e puxou seus braços com força atrás das costas.

"Estou te avisando!" ele gritou. "Estou te avisando!"

Barky latiu animado, pulando em cima de Kris.

“O que fazemos *com* ele?” Lindy gritou, gritando por cima das ameaças furiosas do manequim.

"Fora!" Kris gritou, pressionando os braços com mais força atrás das costas do Sr. Wood.

De repente, ela se lembrou dos dois rolos compressores que vira movendo-se no quintal ao lado, arrasando o chão. “Vamos”, ela incentivou a irmã. “Vamos esmagá-lo!”

"Estou te avisando! Eu tenho poderes! o manequim gritou.

Ignorando-o, Kris abriu a porta da cozinha e eles carregaram seu refém para fora.

O céu estava cinza-carvão. Uma chuva leve começou a cair. A grama já estava

molhado.

Por cima dos arbustos baixos que separavam os quintais, as meninas avistaram os dois enormes rolos compressores amarelos, um nos fundos e outro na lateral do terreno ao lado. Pareciam animais enormes e desajeitados, com seus gigantescos rolos pretos achatando tudo em seu caminho.

"Por aqui! Pressa!" Kris gritou para a irmã, segurando o boneco com força enquanto corria. “Jogue-o embaixo daquele!”

"Me deixar ir! Deixe-me ir, escravos!" o manequim gritou. "Esta é a sua última chance!"

Ele balançou a cabeça com força, tentando morder o braço de Kris.

O trovão retumbou, baixo ao longe.

As meninas correram a toda velocidade, escorregando na grama molhada enquanto corriam em direção ao rolo compressor em movimento rápido.

Eles estavam a poucos metros da enorme máquina quando viram

Latido. Com o rabo balançando furiosamente, ele correu na frente deles.

"Oh não! Como ele saiu? Lindy chorou.

Olhando para eles, com a língua pendurada para fora da boca, saltitando alegremente na grama molhada, o cachorro corria direto para o caminho do rolo compressor estrondoso.

“Não, Barky!” Kris gritou de horror. "Não! Barky... não!"

25

Soltando o Sr. Wood, as duas meninas mergulharam em direção ao cachorro. Com as mãos estendidas, eles deslizaram de bruços na grama molhada.

Sem saber de qualquer problema, aproveitando o jogo de pega-pega, Barky saiu correndo.

Lindy e Kris saíram do caminho do rolo compressor.

“Ei, saia daí!” — gritou o operador furioso pela janela alta do rolo compressor. “Vocês estão loucas?”

Eles se levantaram e se voltaram para o Sr. Wood.

A chuva começou a cair um pouco mais forte. Uma faixa irregular de relâmpago branco brilhou alto no céu.

“Eu estou livre!” — gritou o manequim, com as mãos erguidas vitoriosamente acima da cabeça.

“Agora você vai pagar!”

“Pegue ele!” Kris gritou para sua irmã.

A chuva batia em seus cabelos e ombros. As duas garotas baixaram a cabeça, inclinaram-se na chuva e começaram a perseguir o manequim.

O Sr. Wood virou-se e começou a correr.

Ele nunca viu o outro rolo compressor.

A gigantesca roda preta rolou sobre ele, empurrando-o de costas e depois esmagando-o com um *barulho alto*.

Um *silvo* alto surgiu debaixo da máquina, como o ar escapando de um grande balão.

O rolo compressor parecia balançar para frente e para trás.

Um estranho gás verde jorrou debaixo do volante, espalhando-se pelo ar em uma nuvem misteriosa em forma de cogumelo.

Barky parou de correr e ficou congelado no lugar, seus olhos seguindo o gás verde enquanto ele flutuava contra o céu quase negro.

Lindy e Kris olharam maravilhados.

Empurrado pelo vento e pela chuva, o gás verde flutuou sobre eles.

“Que nojo! Isso fedel!” Lindy declarou.

Cheirava a ovos podres.

Barky soltou um gemido baixo.

O rolo compressor recuou. O motorista saltou e veio correndo em direção a eles. Ele era um homem baixo e atarracado, com braços grandes e musculosos saindo das mangas da camiseta. Seu rosto estava vermelho brilhante sob uma blusa curta e loira, seus olhos arregalados de horror.

“Uma criança?” ele chorou. “Eu... eu atropeliei uma criança?”

“Não. Ele era um idiota”, Kris disse a ele. “Ele não estava vivo.”

Ele parou. Seu rosto mudou de vermelho para branco como farinha. Ele soltou um suspiro alto e agradecido. "Oh, cara," ele gemeu. "Oh cara. Achei que fosse uma criança.

Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente. Depois inclinou-se para examinar a área sob o volante. Ao se aproximarem, as meninas viram os restos do manequim, esmagados dentro da calça jeans e da camisa de flanela.

"Ei, sinto muito", disse o homem, enxugando a testa com a manga da camiseta enquanto se endireitava para encará-los. "Não consegui parar a tempo."

"Tudo bem," Kris disse, com um largo sorriso se formando em seu rosto.

"Sim. Realmente. Está tudo bem," Lindy concordou rapidamente.

Barky aproximou-se para cheirar o boneco esmagado.

O homem sacudiu a cabeça. "Estou tão aliviada. Parecia que estava funcionando. eu realmente pensei que fosse uma criança. Eu estava tão assustada."

"Não. Apenas um manequim", Kris disse a ele.

"Uau!" O homem exalou lentamente. "Feche um." Sua expressão mudou. "O que vocês estão fazendo na chuva, afinal?"

Lindy encolheu os ombros. Kris balançou a cabeça. "Só passeando com o cachorro."

O homem pegou o boneco esmagado. A cabeça se transformou em pó quando ele a levantou. "Você quer isso?"

"Você pode jogar no lixo", Kris disse a ele.

"É melhor sair da chuva", disse ele. "E não me assuste assim de novo."

As meninas pediram desculpas e voltaram para casa. Kris lançou um sorriso feliz para ela irmã. Lindy sorriu de volta.

Posso sorrir para sempre, pensou Kris. Eu estou tão feliz. Tão aliviado.

Eles enxugaram os tênis molhados no tapete e abriram a porta da cozinha para Barky. "Uau. Que manhã! Lindy declarou.

Eles seguiram o cachorro até a cozinha. Lá fora, um relâmpago brilhante foi seguido por um estrondo de trovão.

"Estou encharcado", disse Kris. "Vou subir para me trocar."

"Eu também." Lindy a seguiu escada acima.

Eles entraram no quarto e encontraram a janela aberta, as cortinas batendo descontroladamente, a chuva caindo. "Oh, não!" Kris atravessou a sala correndo para fechar a janela.

Quando ela se inclinou sobre a cadeira para agarrar o caixilho da janela, Slappy estendeu a mão e agarrou o braço dela.

"Ei, escravo – aquele outro cara se foi?" o manequim perguntou em um grunhido gutural. "EU pensei que ele nunca iria embora!

Digitalização, formatação e
revisão básica por Undead.

